

Ministério

JUL-AGO - 2022

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 18,15

00562

ISSN 2236-7071



9 772236 707107



PREGAÇÃO PODEROSA

Lições do grande Comunicador para preparar
e apresentar sermões memoráveis

A atitude de Cristo em relação às mulheres sofredoras + Um vislumbre do ideal divino para o ministério
Jesus, o sábado e João 5:18 + O desafio das grandes cidades + Aprendendo com o Mestre a vencer as tentações

PRINCÍPIOS PARA RESTAURAR A

saúde

E MANTER O BEM-ESTAR

EDIÇÃO
ATUALIZADA

CAPA NOVA



O que é viver bem? Para alguns, uma vida boa é ter saúde, segurança financeira, bons relacionamentos, conforto e oportunidade de diversão. Realmente tudo isso é importante, mas viver bem é muito mais do que bem-estar pessoal. Além de estar em harmonia consigo mesmo, é preciso haver um bom relacionamento com tudo que está ao seu redor.

A vida vale a pena ser vivida, desde que façamos as escolhas certas. Viver bem é mais que uma ciência, é uma arte. E com este livro você aprenderá tudo de que precisa para ter uma vida leve e feliz de verdade.

MKT CPB - Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB  



    /cpbeditora



14

10 Comunicador Mestre
Bertram L. Melbourne
O que aprendi com Jesus sobre pregação

14 Toque de cura
Silvia C. Scholtus
A atitude de Cristo em relação às mulheres sofredoras

17 Trilogia do chamado
José Wilson Barbosa
Um vislumbre do ideal divino para o ministério

20 Ato de libertação
Steven Thompson
Jesus, o sábado e João 5:18

23 Missão urgente
Aguinaldo Guimarães
Obstáculos a ser superados para evangelizar as grandes cidades

28 Vitória no deserto
Leandro Pletsch Rodrigues
Aprendendo com Cristo a vencer as tentações



23

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 26 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



28

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 562 – Jul/Ago 2022
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Arte sobre ilustração de Gustave Doré

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; ; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 88,30
Exemplar Avulso: R\$ 18,15



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

FOME DE BÍBLIA

Há poucos meses, uma pesquisa feita com mil protestantes norte-americanos apresentou um panorama sobre a percepção dos evangélicos em relação à igreja. O relatório, intitulado “The Congregational Scorecard: What Evangelicals Want in a Church”, revelou dados interessantes sobre 14 pontos relacionados à dinâmica congregacional. Entre os aspectos analisados está a duração e a qualidade da pregação.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, 85% dos entrevistados disseram estar satisfeitos com o tempo do sermão. Mesmo quando se analisa as respostas entre os mais jovens (abaixo de 40 anos), o número permanece próximo desse índice (82%). Embora a pesquisa não aponte o tempo médio de um sermão nos Estados Unidos, em 2020, o Pew Research Center, a partir de amostras de sermões online, concluiu que seja algo em torno de 40 minutos.

Quanto à qualidade do sermão, 30% das pessoas consultadas expressaram o desejo por mensagens mais profundas. Curiosamente, ao analisar as respostas nas diferentes faixas etárias, os pesquisadores descobriram que 20% dos membros mais experientes querem sermões mais substanciais, enquanto 39% dos jovens evangélicos indicaram essa necessidade.

O fato de que a juventude pesquisada demonstrou não se incomodar com o tempo regular de uma pregação, mas desejar algo mais fundamentado é significativo. Esse recorte da pesquisa contrasta com algumas tendências no mínimo questionáveis adotadas nos púlpitos contemporâneos para, justamente, alcançar os jovens.

Além das mudanças estéticas, arquitetônicas e litúrgicas que estão se tornando comuns, a pregação tem assumido características muito distintas do que foi outrora. Sorrateiramente (ou nem tanto), sermões bíblicos estão sendo substituídos por palestras de autoajuda, apresentações de comédia *stand-up*, mensagens promocionais ou exposições filosóficas. Não é de espantar que a faixa etária que pede por mais Bíblia seja aquela cujos índices de apostasia estejam entre os mais altos! Na natureza, quando o rebanho

Repousa sobre nós a
responsabilidade de preparar
e apresentar sermões
bíblicos que sejam cativantes,
consistentes, desafiadores e
coerentes.

encontra uma pastagem degradada, ele procura outros pastos para se alimentar. No campo espiritual, a realidade é a mesma. Contudo, o risco é que nem toda pastagem aparentemente verdejante tem os nutrientes necessários para promoção da saúde. Assim, em busca de alimento puro, balanceado, muitos acabam sendo prejudicados com alimentação inadequada.

Repousa sobre nós, pastores e líderes, a responsabilidade de preparar e apresentar sermões bíblicos que sejam cativantes, consistentes, desafiadores e coerentes. E isso não é fruto do acaso, mas resultado de consagração e esforço intencional. Roy Anderson, em seu livro *O Pastor-Evangelista* (1965), afirmou: “Um sermão é mais do que palavras; é o extravasar de uma vida” (p. 413).

O sermão cativa quando o pregador está ligado, coração a coração, com Deus e com os membros de Sua igreja, a partir de uma vida de serviço e interesse pelo bem-estar de todas as pessoas. Ele é consistente quando o pregador se aprofunda no conhecimento das Escrituras para, em primeiro lugar, ser edificado, a fim de edificar bem o corpo de Cristo. É desafiador quando permite que a Palavra cumpra seu papel, “penetrando entre a alma e o espírito, entre a junta e a medula, e trazendo à luz até os pensamentos e desejos mais íntimos” (Hb 4:12, NVT). E finalmente, é coerente quando não se limita a ser uma peça retórica de teologia bem elaborada, mas reverbera no cotidiano da vida.

Quando ocupamos o púlpito com as Escrituras nas mãos, o que temos oferecido? Que tipo de experiência espiritual transparece em nossas palavras? O que precisamos mudar em nossa vida, a fim de que nossos sermões sejam efetivos no propósito divino para nosso ministério? Pense nisso! **TM**

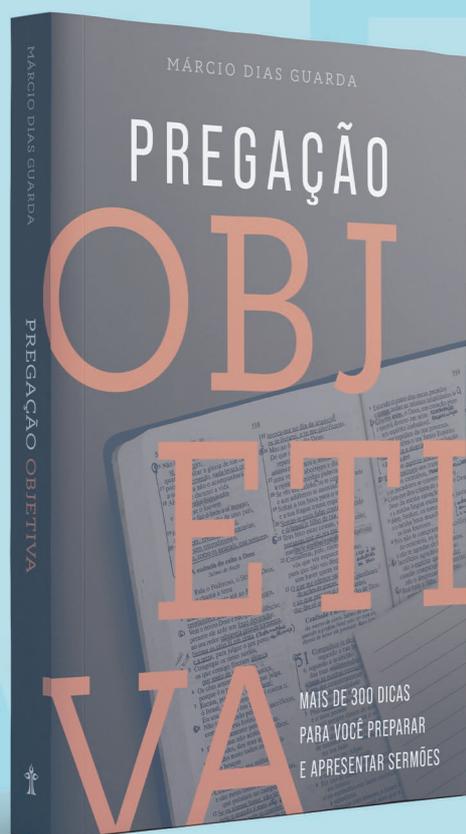


WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

MAIS DE

300

DICAS PRÁTICAS DE COMO PREPARAR
E PREGAR SERMÕES



Em linguagem simples e direta, **Pregação Objetiva** ensina a otimizar o preparo de sermões e fazer uma pregação contemporânea e fiel ao texto bíblico.

“A pregação da Palavra de Deus é uma das mais importantes atividades da igreja.”

MÁRCIO GUARDA



MKT CPB - Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@livrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



f i t y /cpbeditora

PREGUE A PALAVRA

Lembro-me como se fosse hoje. Foi em uma pequena congregação com poucas pessoas, em um culto de domingo à noite, que preguei pela primeira vez. Eu era um menino tímido de 11 anos que tinha vontade de compartilhar minha fé em Jesus. Estava decidido, mas ansioso e um pouco assustado. No meio daquele choque de emoções, senti que havia chegado um momento especial em minha vida. O tema da mensagem não poderia ser outro, senão a bendita esperança da segunda vinda. Meu coração não conseguia conter a alegria e o desejo de ver Cristo voltar logo como rei vitorioso. Da primeira vez, senti um fogo a arder dentro de mim. Conectar-me com essa história me ajuda a lembrar que a pregação primeiramente nos transforma, antes de transformar os ouvintes.

A pregação não é apenas uma arte, mas também dever e privilégio dos ministros do Senhor. Paulo escreveu a Timóteo: “Diante de Deus e de Cristo Jesus [...] peço a você com insistência que pregue a Palavra” (2Tm 4:1, 2). Essa poderosa conjuração contém vários elementos importantes relacionados à pregação.

Mandato divino. Para quem foi chamado e consagrado para o ministério pregar é um mandato absoluto. Paulo afirmou a Timóteo que pregar não era uma opção, mas uma ordem divina que devia estar no centro de seu ministério.

Ato solene. Na pregação, Deus fala por intermédio de instrumentos humanos. Trata-se da mensagem do Senhor na linguagem das criaturas que necessitam desesperadamente do Pão da vida, a fim de serem saciadas. Isso é grandioso e sério ao mesmo tempo.

Senso de urgência. Não há tempo a perder! O fim de todas as coisas se aproxima e Cristo virá com poder e glória. Nossa pregação ocorre em um claro contexto escatológico. Devemos fazer todo o possível, porque o relógio do tempo humano está prestes a parar para sempre. Esse sentido distingue e dá relevância à pregação adventista.

A pregação não é apenas uma arte, mas também dever e privilégio dos ministros do Senhor.

Atividade intencional. Preguar deve ser um ato consciente e intencional, não algo trivial. Requer preparação, o emprego de todas as nossas capacidades nesse propósito. Apresentar mensagens coerentes, utilizando os melhores métodos, faz parte do nosso solene dever.

Propósito claro. Paulo pediu com insistência a Timóteo que pregasse com o coração, a fim de corrigir, repreender e exortar com amor aos ouvintes, de maneira que fossem salvos.

O apóstolo concluiu sua exortação reafirmando a poderosa conexão entre o ministério pastoral e a pregação. “Faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério” (2Tm 4:5). Preguar o evangelho é um imperativo do ministério pastoral. Essa ação constante fundamenta-se numa identidade evangelizadora que não podemos dissociar de nossa atividade. Essa atitude reforça nossa vocação pastoral, dando-lhe direção e poder.

Às vezes dizemos que muitas pessoas caminham pela vida sem direção, mas a verdade é que elas estão a caminho da perdição. Elas precisam receber a luz da mensagem de salvação e visualizar um novo caminho que as conduza ao Céu. Pregue a tempo e fora do tempo! Essa obra transformadora fará você mais feliz e levará muitos ao reino de Deus. O momento para pregar com todo o coração é agora. E você, vai continuar pregando com a força e a paixão da primeira vez? **TM**



JOSUÉ ESPINOZA
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

VISÃO INTEGRAL



O tempo desafiador em que vivemos demanda um ministério cada vez mais preparado. Com esse intuito, a Associação Ministerial da sede sul-americana da Igreja Adventista tem investido no processo das competências ministeriais. Após um período cuidadoso de diagnóstico das demandas pastorais, análise e desenvolvimento das competências, o processo começou a ser implementado gradualmente em 2021. Em alguns lugares da Divisão Sul-Americana, os primeiros resultados da proposta já começam a ser colhidos.

Nesta entrevista, o pastor **Fabiano Capeletti** apresenta como tem sido sua experiência com as competências ministeriais. Nascido em Catanduva, SP, ele cursou Teologia na Faculdade Adventista na Bahia e tem 12 anos de ministério. Nesse período serviu como pastor distrital no estado de Alagoas, foi líder de jovens para os estados de Piauí e Ceará e dirigiu o Instituto Adventista Pernambucano. Atualmente é o pastor do distrito de Aldeota, em Fortaleza, CE. Há 12 anos é casado com a administradora Vilândia Capeletti.

Estamos diante de um método avaliativo que possibilita o real crescimento rumo à excelência ministerial.

De que maneira você recebeu a proposta das competências ministeriais?

A princípio recebi a proposta com receio, pois imaginei que seria mais uma forma de avaliação convencional. Mas quando ela começou a ser apresentada com mais detalhes, senti que teríamos a oportunidade de ampliar o desenvolvimento pessoal de forma sistêmica e, assim, crescer no exercício do nosso ministério.

Como as competências ministeriais foram implementadas em sua Associação?

Cada uma das fases foi construída com bastante diálogo, participação dos pastores e orientação por parte da Associação. A segurança demonstrada pela administração do Campo sobre as competências ministeriais e a abertura para diálogo com os pastores tornou o processo significativo para mim.

O primeiro contato aconteceu em um concílio pastoral, no qual a ideia geral foi apresentada. Em seguida, cada pequeno grupo de pastores estudou uma das cinco competências ministeriais e seus indicadores com o propósito de ampliar a visão. Um encontro geral realizado via internet foi feito para que cada PGP apresentasse ao grupo as impressões obtidas com o estudo aprofundado de cada competência. A essa altura, eu já podia vislumbrar em meu ministério os grandes benefícios estruturais e espirituais ao trabalhar considerando as competências.

Na sequência, outro encontro foi realizado. Dessa vez, cada pastor realizou sua autoavaliação com base nas competências ministeriais que já havia estudado. Além disso, a Associação promoveu um treinamento que envolveu a liderança das igrejas do estado e, logo em seguida, a avaliação em todos os distritos pastorais do Ceará.

O passo subsequente foi o real divisor de águas. Tive a oportunidade de saber como a igreja tinha me avaliado em cada uma das competências e comparar com a minha autoavaliação. Em uma conversa muito tranquila com o ministerial do Campo, repassamos cada ponto da pesquisa. A maneira como o processo aconteceu fez com que me sentisse ouvido, entendido e amparado pela igreja. Não estamos falando aqui de um método de avaliação em que simplesmente acontecem as “canetadas”; estamos diante de um método avaliativo que possibilita o real crescimento rumo à excelência ministerial.

Outro ponto de destaque foi o projeto Imersão MAIS realizado pela Associação. Nessa imersão, minha visão sobre autogerenciamento foi ampliada.

O que é a Imersão MAIS?

MAIS é a sigla para Método de Autodesenvolvimento Integral Sistêmico. Um congresso multidisciplinar foi realizado em Fortaleza para todos os pastores da Associação, com o propósito de imergir em temas que envolveram os aspectos espirituais e funcionais do trabalho pastoral.

Com a imersão MAIS tive a oportunidade de refletir mais a respeito de quatro dimensões que ampliaram minha visão sobre meu desenvolvimento pessoal e espiritual e o poder da influência que posso exercer na vida das pessoas ao meu redor.

Na dimensão espiritual, cresci em minha compreensão a respeito de adoração, espiritualidade, liderança servidora e inteligência financeira; na dimensão física, quanto ao cuidado com a saúde e a busca por desenvolvimento pessoal; na dimensão mental, em relação às convicções pessoais, mentalidade discipuladora e inteligência emocional; e finalmente, na dimensão social, acerca da família e inteligência social.

O crescimento é um processo contínuo de aprendizado, experiência, acompanhamento e avaliação.

De que maneira as competências ministeriais têm ajudado você a desempenhar melhor seu ministério?

Minha relação com Deus se tornou mais íntima, pois decidi estabelecer horários fixos para busca do Espírito Santo e oração intercessória. Assim, minha experiência espiritual tem sido mais enriquecedora. Consequentemente, meu ministério também tem crescido. Estabeleci metas mais claras para desenvolvimento pessoal e isso já se reflete no conteúdo de meus sermões, minhas palestras e no atendimento prestado à igreja nas visitas pastorais. Além disso, destaco a influência sobre a realização do planejamento participativo e o engajamento da igreja com a missão, à medida que reafirmo com ações o propósito de restaurar vidas.

Quais conselhos você dá para os colegas de ministério a quem está sendo apresentada essa proposta?

Em primeiro lugar, conheça bem a proposta das competências ministeriais antes de tirar suas primeiras conclusões. Estude o tema com os colegas pastores, reflita e faça perguntas. Além disso, decida-se pelo crescimento espiritual e pessoal. Sua influência irá se ampliar e contagiar sua esposa, seus filhos e a igreja. À medida que perceber o crescimento, tome a decisão de servir. Há grande poder na liderança servidora! Lembre-se também de que o crescimento é um processo contínuo de aprendizado, experiência, acompanhamento e avaliação. Assim, *feedbacks* não são críticas, mas oportunidades para trilhar o caminho da excelência. Finalmente, participe de todo o processo com o pensamento de que você será o maior beneficiado, e certamente isso acontecerá! 

COMUNICADOR MESTRE

O que aprendi com Jesus sobre pregação

Bertram L. Melbourne



As pessoas chamam Jesus de Comunicador Mestre. Ele ensinou multidões com mais de 10.000 pessoas, ao ar livre,¹ sem nenhum tipo de amplificador de voz. Elas foram até Ele para ouvir Seus discursos memoráveis que perduraram e transformaram o mundo.

Alguns O chamam de mau comunicador, porque Seus discípulos demoraram a entendê-Lo.² Mas Seus contemporâneos discordariam. Embora não fosse graduado em uma escola rabínica, até mesmo os rabinos o chamavam de Rabi, título reservado para os rabinos instruídos.³ “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, as multidões estavam maravilhadas com a Sua doutrina, porque Ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7:28, 29).⁴ Essa avaliação tem profundas implicações.

Embora os escribas ensinassem a Torá, eles derivavam sua autoridade de antigos rabinos.⁵ “A autoridade dos escribas surgiu da interpretação erudita da Torá e da citação de rabinos anteriores.”⁶ “O ensino dos escribas e anciãos era frio e formal, como uma lição aprendida de cor”. “Os líderes religiosos falavam duvidosos e hesitantes, como se as Escrituras pudessem ser interpretadas significando uma coisa ou exatamente o contrário.”⁷ A pregação eficaz, porém, não deve ser hesitante nem duvidosa. A verdade deve ser apresentada com seriedade, sinceridade, entusiasmo, paixão e convicção.⁸

Quando comparado até mesmo com os maiores rabinos, Jesus ensinou com uma diferença. Sua autoridade não dependia de outros.⁹ Ele falou em Seu próprio nome com quatro tipos distintos de autoridade.

1. Autoridade sapiencial. A autoridade sapiencial é derivada do conhecimento. Jesus conhecia a Bíblia hebraica. Quando Ele tinha 12 anos, Seu conhecimento das Escrituras surpreendeu os anciãos.¹⁰

Os pregadores não devem apenas adquirir o melhor conhecimento, mas também se comprometer com o aprendizado ao longo da vida. Alguns pregadores gastam tempo insuficiente com as Escrituras, ocupando-se com a Obra do Senhor, mas dedicando pouco tempo ao Senhor da Obra. Consequentemente, seus sermões são superficiais ou plagiados.

Muitos pregadores leem a Bíblia “sermonicamente”, não devocionalmente. Eles têm por objetivo obter conteúdo para seus congregados, não bênçãos para si mesmos. No entanto, os sermões que surgem das leituras devocionais são mais poderosos e fornecem enormes bênçãos aos outros.

2. Autoridade moral. A beleza da vida de Jesus engrandeceu Sua pregação. Preceito e exemplo coincidiam, criando consistência entre ensino e comportamento. Os pregadores precisam de altos padrões morais para si mesmos. Minha vida deve refletir o que ensino para que os outros não digam: “O que você faz grita tão alto que não consigo ouvir o que você diz”.

Alguns justificam comportamentos questionáveis, argumentando que os pregadores são humanos e, portanto, pecadores. Embora seja verdade, essa desculpa se fundamenta em um raciocínio falho. Como os pregadores representam Deus, esperamos mais deles. “A quem muito foi dado, muito lhe será exigido”, disse Jesus (Lc 12:48). Motivar os pregadores a se manterem em padrão elevado é positivo, porque mais do que uma atividade profissional, a pregação é um chamado que convoca à santidade: “Eu sou o Senhor, o Deus de vocês; portanto, consagram-se e sejam santos, porque Eu sou santo” (Lv 11:44).¹¹ Lembre-se de que as pessoas aprendem mais com o que veem do que com o que ouvem.¹²

3. Autoridade pessoal. Quando as pessoas diziam que Jesus falava com

autoridade, não como os escribas, elas também queriam dizer que Ele tinha autoridade pessoal. Aqueles que possuem autoridade sapiencial e moral obterão respeito, o que produz autoridade pessoal, algo que não pode ser comprado nem ordenado.

4. Autoridade carismática. Multidões foram a Jesus (Mc 3:31, 32; 1:35, 36; Jo 6:22-24). Às vezes, elas não Lhe davam tempo para comer (Mc 3:19, 20). Cristo tinha a habilidade de construir relacionamentos e atrair pessoas. Os pastores também devem desenvolver e exercer boas habilidades de relacionamento. As pessoas apreciam os ministros que as conhecem e as chamam pelo nome, amam e cuidam genuinamente. Jesus fez isso. Essas são qualidades que todo pastor deve desenvolver para pregar efetivamente.

O grande Comunicador

Evans Crawford chamou a pregação de “um evento oral”,¹³ enfatizando sua natureza comunitária, porque a pregação envolve a interação entre o orador e o ouvinte.¹⁴ Comunicação é a transmissão de informações do emissor para o receptor. Ela exige que emissores e receptores estejam na mesma frequência, falando a mesma língua. Assim, uma boa comunicação é um processo de duas vias que requer um ciclo completo de feedback.

Com isso em mente, o que fez de Jesus o grande Comunicador? Ele dominava a análise de Sua audiência e ajustava-Se às necessidades dela. Sabia que as pessoas aprendiam de maneiras diferentes. Alguns são aprendizes visuais, outros táteis, auditivos, conceituais ou cognitivos. O Mestre adaptou Sua mensagem para atender diversas situações. Devemos imitá-Lo e usar as ferramentas apropriadas para alcançar os diversos estilos de aprendizagem.

Jesus dominava a análise de Sua audiência e ajustava-Se às necessidades dela. Sabia que as pessoas aprendiam de maneiras diferentes.

Parábolas

Jesus usou amplamente as parábolas. Nos evangelhos sinóticos, elas compreendem um terço de Seu ensino.¹⁵ Parábolas eram um método de discurso bem conhecido e popular. Os rabinos as usavam para confirmar os valores tradicionais. Jesus, porém, as transformou, aplicando-as de outras maneiras:¹⁶

*Desafiando o senso comum.*¹⁷ Os rabinos empregavam parábolas para confirmar o *status quo*. Jesus as usou para transtornar as ideias tradicionais. Os rabinos viam os judeus como representantes especiais de Deus, merecendo assim a maior recompensa. Eles ilustravam isso por meio de uma parábola sobre um agricultor que pagava aos que começavam o trabalho de manhã cedo mais do que aos que começavam mais tarde.

Jesus contou a mesma parábola com uma diferença (Mt 20:1-16). O fazendeiro concordou em pagar um denário para os trabalhadores contratados pela manhã. Contudo, ao longo do dia, contratou mais trabalhadores e prometeu pagar-lhes o que era “justo” (v. 4). Ao cair da tarde, cada um recebeu um denário. Aqueles que trabalharam o dia todo ficaram com raiva, alegando que mereciam mais do que os outros. O fazendeiro disse que o dinheiro era dele e poderia usá-lo como quisesse.

Jesus então salientou: “Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos” (v. 16). A parábola dos rabinos afirmava o pensamento convencional de que, como povo especial de Deus, os judeus foram chamados primeiro e, conseqüentemente, mereciam mais. Por outro lado, a parábola de Jesus dizia que havia oportunidades iguais e pagamento para todos, sem favoritismo nem prioridade.

Comunicando o desconhecido através do conhecido, o celestial através do terreno. Desde a queda, os seres humanos têm imaginações e pensamentos limitados. Assim, Jesus empregou o que as pessoas sabiam para ilustrar o que ainda precisavam saber. Ele usou conceitos terrenos para comunicar realidades celestiais.

Quando comparou o Reino ao fermento que uma mulher colocou na massa e misturou até que permeasse tudo (Mt 13:33), Cristo usou algo com o qual as pessoas estavam familiarizadas para ensinar a verdade essencial. Para fazer a massa crescer, um pedaço de massa velha era usado para levedá-la. Assim, mostrou a Seus ouvintes que, embora Seu Reino pudesse parecer insignificante, acabaria por transformar a sociedade. Isso os motivou a manter a fé e antecipar o cumprimento das palavras de Jesus. O cumprimento veio quando o cristianismo começou a se espalhar por todo o Império Romano. Portanto, Cristo demonstrou que a pregação deve ser contextualizada e utilizar ilustrações familiares para ensinar verdades espirituais.

Captando a atenção por meio de eventos atuais e experiências cotidianas. Jesus dominou a arte de usar eventos atuais e experiências comuns. A parábola do bom samaritano relata uma ocorrência conhecida por Seus ouvintes. Ele a usou para chamar atenção e ensinar a verdade. A pedagogia rabínica utilizava um estilo triádico. Quando Jesus apresentou os dois primeiros transeuntes como líderes religiosos, os ouvintes esperavam que o terceiro

também fosse um clérigo. Em vez disso, Jesus apresentou o candidato menos provável, um samaritano, para ensinar lições sobre benevolência, orgulho, intolerância e preconceito. Isso indica que podemos empregar eventos atuais para capturar o interesse do público.

Fazendo perguntas. Jesus gostava de fazer perguntas importantes para chamar atenção e preparar os corações para verdades mais profundas. As histórias de Nicodemos (Jo 3) e da mulher samaritana (Jo 4) são exemplos disso. As perguntas que Ele fazia apontavam para lacunas no conhecimento das pessoas e as levavam a buscar mais verdades. Cristo então usava o momento de ensino para informar a mente e mover as emoções. Faça perguntas importantes nos sermões para incentivar os ouvintes a pensar mais profundamente, ponderar e tomar decisões.

Tornando Sua pregação memorável. Jesus usava elementos da vida cotidiana para ensinar. Quando Seus ouvintes os encontravam mais tarde, eles se lembravam de Suas palavras e aprendiam lições vitais mesmo em Sua ausência.¹⁸ O Mestre empregou itens como fermento, sementes, óleo, lâmpadas, sal, farinha e pão; pessoas como agricultores, pescadores, sacerdotes, levitas e samaritanos; e cerimônias como casamentos. Talvez quando Jesus contou a parábola das dez virgens, Seus ouvintes estivessem vendo uma procissão de casamento. Quando mais tarde participaram de alguma cerimônia matrimonial, a experiência tornou-se um momento de reforço do aprendizado. Essa técnica nos motiva a usar imagens memoráveis que podem ensinar mesmo em nossa ausência.

Figuras de linguagem

A forma de Jesus ter usado figuras de linguagem para ilustrar sermões fez Dele um excelente Pregador. Ele empregou hipérbolos, trocadilhos, símiles, metáforas e paradoxos. Vemos hipérbole, uma afirmação um pouco exagerada para provar

um ponto, ilustrada de maneira memorável no Sermão da Montanha: “Por que você vê o cisco no olho do seu irmão, mas não repara na trave que está no seu próprio? (Mt 7:3). O trocadilho, um jogo de palavras semelhantes em som, mas diferentes em significado, é exemplificado nas palavras de Cristo aos escribas e fariseus: “Guias cegos! Coam um mosquito, mas engolem um camelo!” (Mt 23:24). Em aramaico, “camelo” é *gamla*,¹⁹ e “mosquito” é *galma*.²⁰

Um símile compara coisas semelhantes. As parábolas de Jesus eram símiles estendidos que usavam o que as pessoas já sabiam para ilustrar o que ainda precisavam aprender. As parábolas de Mateus 13 e Marcos 4 ilustram essa prática. Relacionadas aos símiles estão as metáforas. Por exemplo, Jesus disse: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6:35); “Eu sou a porta” (Jo 10:7-10); “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12). O paradoxo, uma afirmação que apresenta um dilema ou uma aparente contradição, aparece em passagens como: “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos” (Mc 9:35). Ele também usou declarações concisas, contundentes e muitas vezes antitéticas que não deveriam ser tomadas literalmente, como visto em: “Quem se exaltar será humilhado; e quem se humilhar será exaltado” (Mt 23:12).

Imaginação

Se os contemporâneos de Jesus não tinham dispositivos de gravação para registrar Seus sermões, como se lembravam deles tão claramente? Exatamente por causa da Sua maneira de usar imagens, dispositivos retóricos e técnicas de apresentação.

Cristo nem sempre deu todos os detalhes do que as pessoas poderiam querer saber. Em vez disso, Ele as encorajava a usar a imaginação. Apresentou o exemplo de um cego guiando outro (Lc 6:39), mas deixou para a imaginação da audiência todos os detalhes da catástrofe resultante.

Imagens sensoriais

As pessoas aprendem mais com o que percebem por meio de seus outros sentidos do que simplesmente com a audição. Uma vez que os judeus ensinavam explorando a audição, Jesus incluiu tantos sentidos quanto possível.

Paladar: Mt 5:13; 14:13-21; Mc 14:12-24.

Audição: Mt 5:21, 27, 38, 43.

Visão: Mt 5:28, 29; 6:22; Mc 8:14-21; 9:1-8; Lc 6:39-42; 10:23; Jo 12:44-46.

Tato: Mt 8:3; Mc 5:26-34; Lc 6:1-5.

Transformação

Ao estudar Jesus como Pregador, aprendi várias características admiráveis que melhoraram minha pregação. Compartilho uma síntese dessas descobertas:

1. Pregue para atender aos diversos estilos de aprendizado de seu público.

2. Mantenha objetivos temporais e eternos em vista usando o conhecido para ilustrar o desconhecido.

3. Seja criativo e use a imaginação para animar, ilustrar e chamar atenção.

4. Use os sentidos no conteúdo e na apresentação do sermão para se conectar aos estilos de aprendizagem.

5. Utilize objetos familiares e eventos atuais para captar o interesse e ilustrar a verdade.

6. Recorra às figuras de linguagem e outros artifícios retóricos.

7. Crie imagens mentais que pregarão em sua ausência.

8. Mantenha a consistência entre vivência e prática, porque a pregação autoritativa deriva da autoridade cognitiva, moral e pessoal.

Vamos imitar as técnicas de comunicação e pregação de Jesus. Elas vão nos ajudar a transformar nossos sermões, torná-los memoráveis, desenvolver membros espiritualmente maduros e expandir o reino de Deus! **IM**

Referências

¹ Os evangelhos dizem que 5 mil homens, além de mulheres e crianças, participaram da multiplicação

dos pães. Como a maioria das audiências tem mais mulheres e crianças do que homens, podemos supor que entre 10 e 20 mil pessoas estivessem presentes naquele dia.

² Bertram Melbourne, *Slow to Understand: The Disciples in Synoptic Perspective* (Lanham, MD: The University Press of America, 1988), p. 29, 160, 178.

³ Ver Mt 26:25, 49; Mc 9:5; 10:51; Jo 1:38, 49; 6:25. Rainer Riesner, “Teacher,” em *Dictionary of Jesus and the Gospels*, eds. Joel B. Green, Scott McKnight e I. Howard Marshall (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992).

⁴ Salvo outra indicação, foi utilizada a versão NAA.

⁵ Robert Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), p. 137.

⁶ G. S. Shogren, “Authority and Power,” em *Dictionary of Jesus and the Gospels*.

⁷ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 192.

⁸ “Sua voz [do pregador] deve se erguer como som de trombeta, nunca fazendo soar uma nota vacilante e incerta.” Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 15.

⁹ Compare com Shogren, “Authority and Power”.

¹⁰ Ver White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 52-58.

¹¹ “O verdadeiro ministro não fará coisa nenhuma que venha a amesquinhar seu sagrado ofício.” White, *Obreiros Evangélicos*, p. 17.

¹² Ver Melbourne, *Slow to Understand*.

¹³ Evans E. Crawford e Thomas H. Troeger, *The Hum: Call and Response in African American Preaching* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1995), p. 17.

¹⁴ M. Chartier, *Preaching as Communication: An Interpersonal Perspective* (Nashville, TN: Abingdon, 1981).

¹⁵ Green, McKnight e Marshall, *Dictionary of Jesus and the Gospels*, p. 594.

¹⁶ Ver Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 2-7.

¹⁷ Robert Johnston, Universidade Andrews, Berrien Springs, MI. Material não publicado.

¹⁸ Bertram Melbourne, “Still Teaching After Two Millennia: What Can We Learn From the Master Teacher?” *Journal of Adventist Education* 65, n. 5, 2003, p. 5-9.

¹⁹ David Noel Freedman, Gary A. Herion, David F. Graf, John David Pleins e Astrid Billes Beck (eds.), *The Anchor Bible Dictionary* (New Haven, CT: Yale University Press, 2008), p. 1153.

²⁰ Michael E. Lawrence (ed.), *The New Interpreter's Bible* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1995), v. 8, p. 436.

BERTRAM L. MELBOURNE

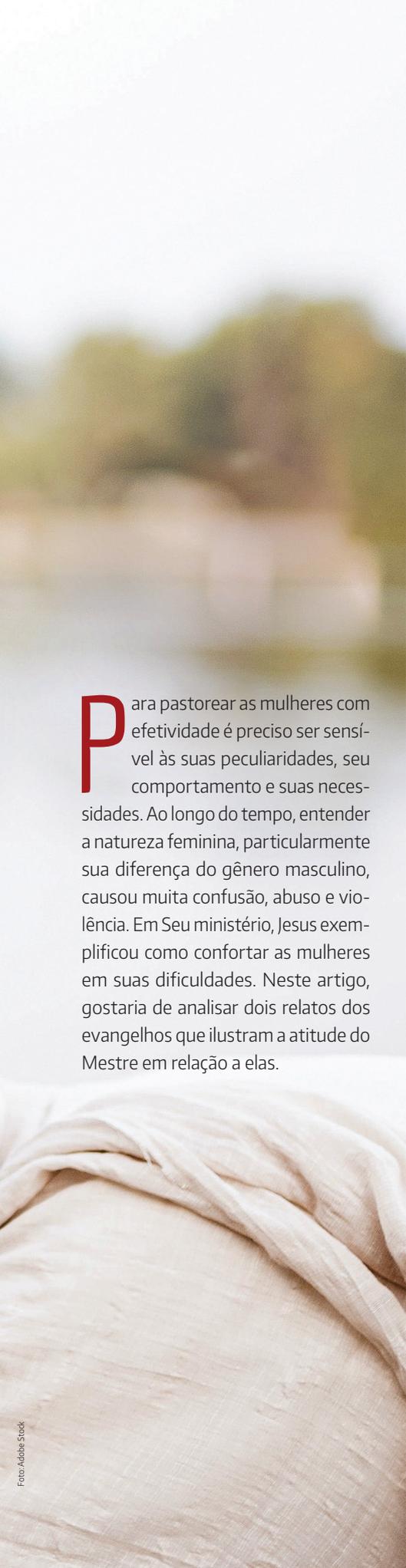
professor de linguagem bíblica e literatura na Howard University School of Divinity, Estados Unidos



TOQUE DE CURA

A atitude de Cristo em relação às mulheres sofredoras

Silvia C. Scholtus



Para pastorear as mulheres com efetividade é preciso ser sensível às suas peculiaridades, seu comportamento e suas necessidades. Ao longo do tempo, entender a natureza feminina, particularmente sua diferença do gênero masculino, causou muita confusão, abuso e violência. Em Seu ministério, Jesus exemplificou como confortar as mulheres em suas dificuldades. Neste artigo, gostaria de analisar dois relatos dos evangelhos que ilustram a atitude do Mestre em relação a elas.

Uma filha doente

O relato do encontro de Cristo com uma mulher enferma e marginalizada é contado em três dos quatro evangelhos (Mt 9:20-22; Mc 5:25-34; Lc 8:43-48). Ela estava escondida no meio de uma grande multidão que comprimia Jesus enquanto Ele Se dirigia para a casa de Jairo, um dos chefes da sinagoga, cuja filha estava à beira da morte.

Conforme a narrativa de Marcos 5:25 a 28, a mulher *sofreu* muito sob o cuidado de vários médicos; *gastou* tudo o que tinha e *piorou* em vez de melhorar; *ouviu* falar de Jesus; *aproximou-se* por trás Dele na multidão; *tocou* Seu manto e *pensou*: “Se eu apenas tocar na roupa Dele, ficarei curada” (Mc 5:28).

Essa “mulher misteriosa” era evitada. Qualquer pessoa que a tocasse ou estivesse em contato direto com algo que ela tivesse tocado se tornaria cerimonialmente impura (Lv 15:19-23, 25-33). É provável que fosse incomum vê-la em público. Possivelmente, devido à sua condição, ela não fosse casada, tivesse poucos amigos e sofresse com a falta de recursos. Talvez seu rosto fosse pálido após sofrer de uma hemorragia por doze anos. O texto não diz nada sobre a periodicidade dos sangramentos. Contudo, certamente ela se sentia só. Não podia ir ao templo nem à sinagoga para participar da adoração coletiva. Tinha problemas ao se aproximar das mulheres que compravam frutas e verduras nas ruas. As pessoas poderiam ter presumido que ela estivesse sendo punida por um pecado secreto. Não é de surpreender que ela fosse tão discreta.

Em conformidade com a expectativa da mulher, tocar a borda do manto de Jesus fez cessar a hemorragia. Se a história terminasse nesse ponto, seria possível dizer que Cristo a atendeu em seu momento de dor: curou seu corpo. Mas Ele sabia que a maior dor não estava relacionada com a enfermidade física. Era a ferida que havia no coração daquela mulher,

depois de doze anos de solidão. Quando o Mestre reconheceu “imediatamente que Dele havia saído poder” (Mc 5:30), deteve o chefe da sinagoga e a grande multidão que O seguia. A “mulher misteriosa” era tão importante para Ele que O levou a perguntar: “Quem tocou na Minha roupa?” A multidão ficou muda. Segundos se transformaram em minutos. Que tipo de resposta Jesus procurava?

Enquanto todos aguardavam, a mulher calculou o risco de perder seu anonimato. Achou que Jesus Se contentaria com o silêncio e continuaria Seu caminho. Mas sabia que Ele a havia curado. Tinha certeza disso! Ao mesmo tempo, temeu ao pensar que todos olhariam para ela caso fosse descoberta. Qual seria a reação de Cristo? Ele a declararia impura outra vez? Seria punida por tocar Nele?

A “mulher misteriosa” estava assustada e, “vendo que não conseguiria passar despercebida, veio tremendo e prostrou-se aos Seus pés” (Lc 8:47). Por fim, ela deu seu testemunho público. Contou o que a havia levado a tocar as vestes de Jesus e também o milagre que havia ocorrido.

O Salvador encontrou-Se com essa mulher no momento da maior necessidade dela. A vergonha e a marginalização que haviam durado doze anos desapareceram quando Ele declarou publicamente: “Filha, a sua fé salvou você. Vá em paz e fique livre desse mal” (Mc 5:34). Além disso, a elogiou por sua fé. Cristo viu mais do que um corpo doente. Ele restabeleceu um autoconceito que poderia tê-la mantido isolada e inválida pelo resto da vida, uma vergonha que poderia ser pior do que sua doença física. Elogiou-a pela sua fé, sabendo da coragem que a levava a persegui-Lo entre a multidão. Afirmou-a publicamente e apresentou uma nova mulher. Jesus tornou as coisas evidentes. Sua fé Nele a curou. Era uma mulher de fé antes de receber o milagre. Depois que foi curada, ela tomou posse de sua

verdadeira identidade. Não era mais misteriosa nem anônima.

Essa é uma das duas vezes no Novo Testamento em que Jesus chama uma mulher de “filha”, termo que denota relação familiar. Ademais, Ele estava indicando que o fato de ela ser mulher não a impedia de ser considerada valiosa para Deus dentro da comunidade de crentes. Aquela mulher também era descendente de Abraão e Sara, o casal escolhido pelo Senhor para que seus descendentes formassem uma comunidade que refletisse a imagem divina perante o mundo.

Normalmente, as mulheres demonstram um sentimento de necessidade urgente que, em realidade, evidencia uma necessidade real. Aqueles que as auxiliam espiritualmente precisam refletir sobre sua definição de mulher e reconhecer o conceito bíblico a respeito delas: são filhas do Rei! São representantes Dele criadas para também refletir a imagem divina! Talvez a maior contribuição de alguém que as ajude em momentos de dor seja assisti-las em suas necessidades reais, do coração.

Uma mulher humilhada

O segundo relato encontra-se em João 8:2 a 11. O apóstolo apresenta um breve registro de alguém que se tornou conhecida como a “mulher surpreendida em adultério” (v. 3).

Os líderes religiosos claramente arranjaram a cena. Obrigaram a mulher a se apresentar nas cortes do templo para que pudessem impor-lhe a lei. “Na Lei, Moisés nos ordenou que tais mulheres sejam apedrejadas. E o Senhor, o que tem a dizer?” (v. 5), perguntaram a Jesus, pressionando-O a responder. Obviamente, a mulher não era a principal preocupação dos líderes. Sua pessoa não era importante para eles.

Cristo não lhes respondeu imediatamente. “Inclinando-Se, escrevia na terra com o dedo” (v. 6). Se a cena tivesse sido filmada, o zoom da câmera teria focalizado o dedo de Jesus escrevendo no chão, enquanto seria possível ouvir a voz dos líderes

em burburinho ao fundo. Pouco depois, Ele Se levantou e disse-lhes: “Quem de vocês estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela” (v. 7). A câmara não pôde aproximar-se para ver o que o Mestre escrevia, mas a combinação das palavras no chão enviou uma mensagem que paralisou a ação daqueles líderes que, “saindo um por um” (v. 9), deixaram Jesus e a mulher sozinhos no pátio da corte.

As primeiras palavras de Cristo à mulher foram: “Mulher, onde estão eles? Ninguém condenou você?” (v. 10). Os líderes religiosos certamente queriam condená-la. A lei dizia que a mulher deveria ser apedrejada com a outra pessoa que estava com ela. Eles só estavam pedindo que a lei fosse cumprida. Contudo, a mensagem de Jesus aos líderes os desencorajou. Por isso se retiraram calados.

As palavras de Jesus foram compassivas. “Também Eu não a condeno; vá e não peque mais” (v. 11). Cristo não minimizou a verdade, mas isso não O impediu de valorizar a mulher. Por isso, falou-lhe com graça e respeito. A condenação que a mulher sentia era sua maior fonte de dor. O homem envolvido no alegado ato de adultério não estava presente nem foi incluído na discussão. O Salvador Se encontrou com essa mulher no momento de sua dor, tirou-lhe a vergonha emocional e desafiou-a a viver uma nova vida de liberdade Nele.

Em alguns círculos religiosos, a condenação é epidêmica. A consideração daqueles que assistem espiritualmente as mulheres é a chave para curar. De fato, pecado é pecado, e precisamos ter a mesma perspectiva que as Escrituras. Ao pastorear mulheres é preciso agir da mesma forma que o Sumo Pastor, tirando delas a carga de vergonha a fim de que vejam nova luz, nova vida em Cristo. As mulheres que recebem a genuína compaixão que provém do Espírito dificilmente podem ignorar a mensagem de valor e amor incondicional que os evangelhos apresentam.

Conclusão

Em cada uma das histórias, as mulheres responderam positivamente à gentil e confiável aproximação de Jesus. Ele mostrou em Seu ministério como tratar aqueles que vivem um processo de dor ou opressão. As pessoas notaram Sua postura acolhedora e como valorizava os sofredores. Em cada caso, isso abriu a porta para a restauração emocional e espiritual.

Você consegue imaginar o restante da história de cada uma dessas mulheres? A filha doente, anônima, provavelmente tenha se tornado conhecida porque não conseguiu manter seu testemunho em segredo. Transferiu sua solidão para um lugar caloroso e cheio de relacionamentos, talvez como nos velhos tempos, antes de adoecer. Por intermédio de seu relato, outros chegaram a conhecer Aquele que mudou sua vida para sempre.

A mulher surpreendida em adultério, que foi perdoada e renovada em seu desejo de seguir a Jesus, deve ter decidido se manter pura. Afinal, Ele a salvou de ser apedrejada! Era isso que os líderes religiosos pediam. Agora ela deveria ter outra reputação, uma nova vida. Assim como o Senhor não expõe nenhum detalhe de nossa vida em uma vitrine para que todos vejam, tampouco deveríamos fazê-lo. Em vez disso, devemos entender cada ocorrência da jornada como um passo para a maturidade.

Aqueles que desejam ajudar espiritualmente outras pessoas, estendendo sua compaixão àqueles que mais precisam dela, devem abrir a porta do perdão, da cura e da verdade de quem Jesus realmente é. A compaixão pode trazer a luz de uma nova identidade para uma filha ou filho do Rei! **TV**

SILVIA C. SCHOLTUS
professora emérita da
Universidade Adventista
do Prata



TRILOGIA DO CHAMADO

José Wilson Barbosa

Um vislumbre
do ideal divino
para o ministério

Se você já viu alguma obra literária, musical ou científica dividida em três partes que se conectam ou se complementam, tem ideia do que seja uma trilogia. Por exemplo, na literatura, temos a Trilogia Espacial, de C. S. Lewis; nos filmes, De Volta para o Futuro, de Robert Zemeckis e Bob Gale; e nas tragédias gregas, a Trilogia Tebana, de Sófocles. Até na Bíblia temos a ideia de uma trilogia no processo da salvação: justificação, santificação e glorificação.

Imagine sua experiência com Deus em três perspectivas que se complementam. Como seria o conteúdo dos três livros ou até mesmo do filme de sua vida em três partes? Na carta de Paulo à igreja de Éfeso, identifiquei a ideia de uma trilogia. Nos primeiros capítulos (Ef 1-3), ele apresentou sua concepção sobre a unidade em Cristo. Na segunda parte (Ef 4-6), respondeu como os membros do corpo de Cristo devem corresponder, em sua conduta, ao chamado divino.¹ O apóstolo abordou a experiência individual, da família, da igreja como comunidade e a relação desses com o mundo (Ef 4:1-3; 25-32; 5:22-32; 6:1-9). Com muita convicção, afirmou: “Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados” (Ef 4:4). Como podemos identificar uma trilogia nesse versículo?

A palavra-chave

Destaco *chamado* como a palavra-chave de Efésios 4:4. O termo sugere uma ação do Espírito Santo em relação à metáfora do corpo. Essa metáfora foi usada por Paulo em diferentes cartas. Mas aos efésios, o apóstolo foi mais intencional e abrangente. Nesse corpo, que é a igreja de Deus, Cristo é a cabeça, nós somos os membros e o Espírito é quem garante sua vitalidade (Ef 5:23, 24). Por isso, Cristo é o único Senhor da igreja, está assentado à destra do Pai, e o Espírito Santo é o penhor da nossa herança, até o dia do resgate, quando Jesus virá em glória (Ef 1:13, 14; 20-22; 4:5).

definição completa da igreja,² e a ênfase ao chamado mostra que Jesus almeja a unidade dos cristãos sob Seu comando. Ele orou por esse propósito, que apresenta a igreja como um organismo espiritual, muito mais do que uma estrutura organizacional (Jo 17:21). O cristão faz parte de um organismo vivo, a família de Deus, sendo supremo objeto de afeição, acima de qualquer outro vínculo.³ A presença do Espírito Santo constitui a igreja, é a base de sua unidade em Cristo e ratifica que a igreja não é apenas uma organização.⁴

Essa unidade pressupõe duas realidades indispensáveis: o caráter dos membros, que se revela pelo fruto do

do fruto do Espírito Santo, a compaixão pelos vulneráveis e indefesos. Cristãos assim andam no Espírito, são transformados ao contemplar Jesus e refletem Sua imagem (Gl 5:16; 2Co 3:18).

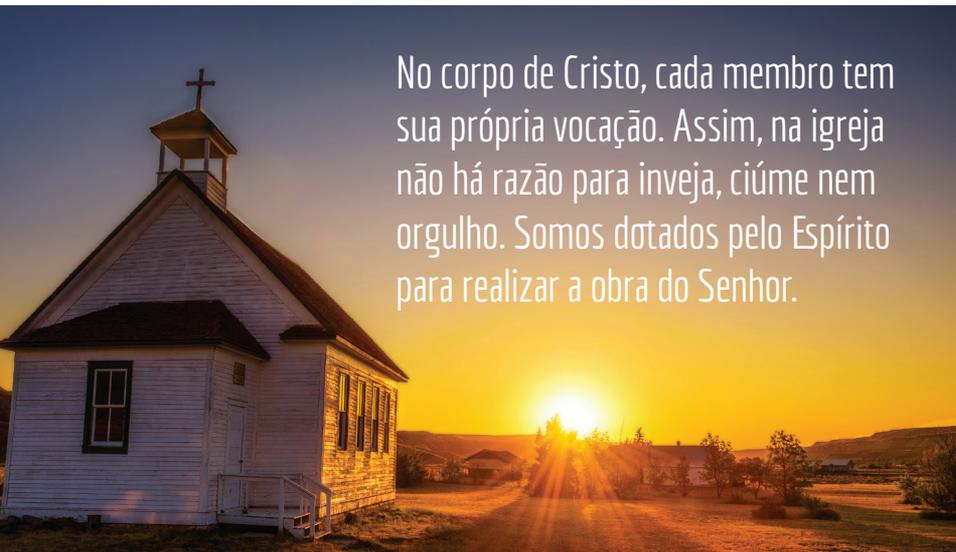
Na trilogia do chamado, essa é a primeira parte, que caracteriza a vida de todo aquele que aceita o convite de Cristo. Pense em sua conversão e tente se lembrar de cada momento marcante, bem como de seu crescimento na graça do Senhor. Deus tem uma igreja, e todos que aceitam o chamado divino descobrem o propósito sublime pelo qual devem viver.

Chamados numa só esperança

Além de pertencer ao corpo de Cristo, cada membro precisa compreender a razão da sua existência como cristão. Temos a esperança da salvação pela graça de Jesus (Rm 5:1-5; Tt 2:11-14), e de Sua vinda gloriosa (Jo 14:1-3; Hb 10:23). Contudo, essa esperança não é passiva, pois enquanto esperamos, Deus nos desperta para a missão (Mt 28:19, 20; 2Pe 3:9-13).

Na véspera da crucifixão e no dia de Sua ascensão, Jesus assegurou aos discípulos que enviaria o Santo Espírito a fim de que a igreja fosse preparada para pregar o evangelho eterno (Jo 16:7-11; At 1:8; Mt 24:14; Ap 14:6). Destaca-se na ênfase à missão o envolvimento de todos; afinal, o ministério é de toda a igreja, não de uma elite exclusiva.⁵ Todos que se reconciliam com Ele tornam-se Seus embaixadores e fazem parte do ministério da reconciliação (2Co 5:18-20). Não há desculpa para nos esquivarmos da missão!

Nessa perspectiva, Ellen White escreveu: “A todos quantos se tornam participantes de Sua graça, o Senhor indica uma obra em benefício de outros. [...] Sobre o ministro da Palavra, a enfermeira-missionária, o médico cristão, o cristão individualmente, seja ele comerciante ou agricultor, mecânico ou outro profissional – sobre todos repousa a responsabilidade.



No corpo de Cristo, cada membro tem sua própria vocação. Assim, na igreja não há razão para inveja, ciúme nem orgulho. Somos dotados pelo Espírito para realizar a obra do Senhor.

Assim, conforme Efésios 4:4, fomos chamados por intermédio do Espírito Santo para três experiências especiais: chamados para um corpo, numa esperança e para uma só vocação. Identificar cada perspectiva desse chamado é fundamental a fim de entender o ideal de Deus para nossa vida.

Chamados para um corpo

A metáfora do corpo é uma linguagem ilustrativa da igreja de Cristo usada por Paulo em outras cartas (1Co 12:12-31; Cl 3:15). Alguns teólogos chegaram à conclusão de que essa analogia é uma

Espírito Santo (Gl 5:22, 23), e a competência de cada um, por meio dos dons espirituais (1Co 12:1-11). Jesus ilustrou isso nas parábolas de Mateus 25.

Na parábola das dez virgens (v. 1-13), Ele destacou que a igreja necessita ser cheia do Espírito a fim de estar preparada para a chegada do Noivo. Na parábola dos talentos (v. 14-30), enfatizou que todo membro é capacitado pelo Espírito por meio dos dons espirituais, e sua missão é ser fiel, de acordo com os talentos que recebeu. Na última parábola (v. 31-46), Ele considerou que a prova final do cristianismo prático está na evidência

É nossa obra revelar às pessoas o evangelho de Sua salvação.”⁶

A questão imprescindível é: Como você descreveria essa parte de sua história como missionário? Se fosse escrever o segundo volume de sua história na igreja, quais episódios seriam contados? Quais pessoas convertidas por sua influência direta seriam mencionadas? Esse senso de realização é muito importante. Contudo, cada membro do corpo de Cristo tem uma vocação específica. E isso precisa ser bem compreendido.

Chamados conforme a vocação

A palavra *vocação*, em realidade, não se encontra no texto grego. A Nova Versão Internacional aproxima-se mais do texto em sua língua original, pois diz: “Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só” (Ef 4:4).

O contexto imediato, porém, justifica a tradução que inclui a palavra *vocação*. É nesse capítulo que Paulo descreveu uma das listas de dons espirituais específicos, cuja característica principal tem que ver com os dons de capacitação (Ef 4:11-14). Assim, a palavra *vocação* faz alusão à particularidade da missão para cada membro do corpo de Cristo. Afinal, todos são chamados para uma missão, mas cada um tem seu próprio perfil missionário, conforme a capacitação concedida pelo Espírito Santo (1Co 12:11).

O apóstolo Paulo mencionou sua vocação específica. Ele escreveu: “Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Cristo Jesus...” (1Co 1:1). A influência exercida por ele nos primórdios do cristianismo como escritor, mestre e pregador entre os gentios evidenciava sua vocação. O contexto da carta aos coríntios demonstra que a igreja local questionava o apostolado dele (1Co 4:1-5; 9:1-23). Portanto, Paulo enfatizou sua vocação como apóstolo de forma

intencional, para que os cristãos soubessem da sua convicção do chamado.⁷ Sem dúvida, à semelhança do apóstolo, na unidade do corpo de Cristo, cada membro tem sua própria vocação. Assim, na igreja não há razão para inveja, ciúme nem orgulho. Somos dotados pelo Espírito para realizar a obra do Senhor.

Escrevendo aos hebreus, Paulo mencionou um princípio fundamental: “E ninguém toma esta honra para si mesmo, a não ser quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão” (Hb 5:4). Indubitavelmente, o Senhor deseja usar cada um de nós. Tudo que precisamos é nos submeter à Sua vontade e soberania, cientes de que Ele Se manifestará em nós para Sua glória, capacitando-nos a cumprir nossa missão (Fl 2:5-8; At 20:24; 1Ts 2:8; Ap 2:10).

Com isso em mente, é sempre bom nos lembrarmos de que “a obra de Deus na Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos pastores e oficiais da igreja.”⁸ O Senhor conta com todos!

Considere seu perfil quanto aos dons que consegue identificar em seu ministério. Como seria essa última parte da trilogia do seu chamado? Certamente, suas histórias evidenciam seu perfil pastoral, bem como a singularidade da sua vocação.

Conclusão

Fui batizado há quase 40 anos e estou no ministério pastoral há 32. Atuei como pastor de igrejas, secretário de departamento e administrador. Foram 16 anos lidando diretamente com igrejas locais e 16 anos na administração. Todavia, recentemente, o inesperado aconteceu. Em um exame de rotina, recebi o triste diagnóstico de um câncer no intestino.

Depois do choque inicial, procurei me cuidar, seguindo as orientações médicas e intensificando a prática dos oito

remédios naturais. Precisei fazer uma cirurgia para retirada do tumor. A cirurgia foi um sucesso, graças a Deus! Aproveitei essa fase de tensão para refletir bastante e tirei várias lições para minha vida. Concluí que a verdadeira realização não depende de onde estou, do que faço, do que tenho ou de como estou, mas unicamente de quem eu sou em Cristo, desde que Ele me chamou (2Co 5:17-20).

Reafirmar a certeza do chamado, sabendo que sou membro do corpo de Cristo e que o Espírito Santo me conferiu um lugar singular no ministério, faz-me imaginar a minha trilogia com muitas aventuras e surpresas, mas também com muitas conquistas e vitórias.

A jornada não terminou, mas como Paulo, que possamos dizer no devido tempo: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Desde agora me está guardada a coroa da justiça, que o Senhor, reto Juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a Sua vinda” (2Tm 4:7-8). **M**

Referências

- ¹ Heinrich Schlier, *Carta a Los Efesios* (Salamanca, Espanha: Ediciones Sigueme, 1991), p. 235.
- ² J. Millard Erickson, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2015), p. 1001.
- ³ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira), v. 6, p. 1133.
- ⁴ Francis Foulkes, *Efésios: Introdução e Comentário* (São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2011), p. 93.
- ⁵ Rex Edwards, *Um Ministério Para Todos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 48, 49.
- ⁶ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 81.
- ⁷ Gordon Lee, *1 Coríntios: Comentário Exegético* (São Paulo: Vida Nova, 2019), p. 25.
- ⁸ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 351.

JOSÉ WILSON BARBOSA

secretário ministerial da Igreja Adventista para os estados de Bahia e Sergipe



ATO DE LIBERTAÇÃO

Jesus, o sábado e João 5:18

Steven Thompson

Algumas versões da Bíblia traduzem João 5:18 da seguinte maneira: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-Lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era Seu próprio Pai, fazendo-Se igual a Deus” (ARA). O verbo violar, presente também na Nova Versão Internacional e Nova Versão Transformadora, naturalmente leva a uma pergunta: Jesus realmente violou o sábado?

Uma tradução mais sensível ao contexto do verbo *luō* nesse versículo apresenta uma mensagem muito diferente sobre o relacionamento de Jesus com o sábado. A tradução é a seguinte: “É por isso que os judeus procuravam matá-Lo; Ele não estava somente *libertando* o sábado...”¹ Essa tradução, que tem sido ignorada por tradutores e comentaristas, pode ser justificada? Se ela for válida, não resolveria um problema teológico que retrata Jesus, nosso sacrifício sem pecado, como tendo pecado?

Libertação

O léxico padrão grego-inglês do Novo Testamento² oferece cinco definições do verbo *luō*. As quatro primeiras são as mais relevantes para compreender João 5:18:

1. “desfazer algo que é usado para amarrar ou apertar, *soltar, desatar*”;
2. “libertar algo amarrado ou apertado, *soltar, libertar, desatar*”;
3. “reduzir algo pela violência em seus componentes, *destruir*”;
4. “eliminar, *destruir, pôr fim, abolir*”³

As seis ocorrências de *luō* no evangelho de João são mais bem distribuídas entre essas quatro definições:

1. “Não sou digno de *desamarrar* as correias das Suas sandálias” (Jo 1:27); “*Desamarrem-no* [Lázaro] e deixem que ele vá” (Jo 11:44).

2. “Os judeus ainda mais procuravam matá-Lo, porque não somente *violava* o sábado” (Jo 5:18, ARA).

3. “*Destruam* este santuário, e em três dias Eu o levantarei” (Jo 2:19).

4. “E a Escritura não pode ser *anulada*” (Jo 10:35, ARC).

Há, então, justificativa linguística para traduzir *luō* em João 5:18 como “libertar”. O passo seguinte será localizar a passagem em seu cenário cultural e religioso.

Cura

João 5 relata a visita de Jesus ao tanque de Betesda enquanto estava em Jerusalém para uma grande celebração religiosa.⁴ Como se acreditava que o tanque fosse um lugar em que curas divinas aconteciam, muitos doentes da cidade esperavam sob os cinco pórticos que o cercavam na esperança de receber a cura. Entre eles estava um homem enfermo havia 38 anos (Jo 5:5), um número significativo para o povo judeu. A peregrinação de seus ancestrais israelitas pelo deserto – desde a recusa para entrar até a entrada na Terra Prometida – durou 38 anos (Dt 2:14).

Jesus, vendo o homem doente, perguntou: “Você quer ser curado?” (Jo 5:6). Que pergunta estranha... Claro que ele queria ser curado! Caso contrário, por que passaria tanto tempo perto dessa “água milagrosa”?

No entanto, em vez de responder à pergunta de Jesus, ele começou a explicar por que ainda não havia sido curado: “Não tenho ninguém que me ponha no tanque quando a água é agitada. Quando tento entrar, outro enfermo chega antes de mim” (v. 7). Sua declaração poderia ser entendida não apenas como um resumo de sua experiência pessoal, mas também como um eco dos 38 anos que seus ancestrais israelitas passaram no deserto, “esperando” para entrar nas águas do rio Jordão para chegar à Terra Prometida?

Se esse for o caso, Jesus poderia estar perguntando ao homem doente se ele, diferentemente de seus ancestrais hebreus, estava pronto para se render totalmente à vontade de Deus, a fim de experimentar a tão desejada cura? Enfim, Cristo não abordou a tentativa do homem de explicar sua situação. Em vez disso, Ele ordenou: “Levante-se, pegue o seu leito e ande” (v. 8).

Levante-se e ande

A ordem “Levante-se, pegue o seu leito e ande” tem uma história sagrada. Jesus estava citando e adaptando a ordem divina para “levantar-se e começar a andar” proferida em momentos cruciais da história do povo hebreu.

Por exemplo, Deus ordenou duas vezes a Abrão que “se levantasse e começasse a andar” em direção à terra que havia prometido a ele e a seus descendentes como parte da formação de um novo povo (Gn 12:1; 13:17). O Senhor ordenou que Elias “se levantasse e começasse a andar” para Sarepta, perto de Sidom, enquanto a fome devastava Israel (1Rs 17:9, 10). Ele ordenou duas vezes a Jeremias que “levantasse e começasse a andar” para cumprir seu ministério profético (Jr 13:6; 18:2). Ezequiel foi ordenado para que “se levantasse e começasse a andar” enquanto Deus o preparava para falar com seus companheiros hebreus no exílio babilônico (Ez 3:22). O Senhor orientou Jonas duas vezes a “levantar-se e começar a andar” para Nínive, tanto antes como depois do desvio da rota, quando ele esteve na barriga do grande peixe (Jn 1:2; 3:2).

Cerca de proteção

Esse contexto bíblico rico da ordem de Jesus ao homem doente teria sido familiar a ele e às pessoas próximas que O ouviram. Por conta disso, a ordem de Cristo teria sido entendida como uma

dupla mensagem: Primeira, seja curado! Segunda, cumpra a missão designada por Deus, testemunhando a genuinidade de sua cura e de sua Fonte – Jesus. A cura do paralisado e sua obediência à ordem do Mestre foram prontas: “Imediatamente o homem se viu curado e, pegando o leito, começou a andar” (v. 9a). Ele viveu com saúde desde então? Não sabemos. A narrativa desvia nossa atenção para outro elemento – o calendário: “E aquele dia era sábado” (v. 9).

Para o povo judeu dos dias de Jesus, especialmente em Jerusalém, a vida durante o sábado era controlada a um nível de detalhes muito além do que Deus especificou em Êxodo 20:8 a 11. Por que esse microgerenciamento, quando o quarto mandamento é relativamente breve? Esse processo começou cinco séculos antes, após o cativeiro babilônico, quando alguns dos cativos e seus descendentes retornaram à sua pátria. Muitos reconheceram que o cativeiro era devido à indiferença secular do povo hebreu à vontade de Deus, expressa nos Dez Mandamentos e na lei relacionada, incluindo o sábado.

Em um esforço para evitar que essa tragédia acontecesse novamente, os líderes religiosos judeus desenvolveram uma “cerca em torno da lei” para se proteger contra violações dos Dez Mandamentos. Se houvesse regulamentos detalhados suficientes, como uma cerca de proteção, eles ajudariam a garantir que as pessoas não violassem as leis. Essa cerca crescente de regulamentos foi transmitida oralmente de geração em geração e, finalmente, preservada na Mishná,⁵ cerca de um século depois de Cristo.

Cerca sabática?

Como essa “cerca em torno da lei” tenta proteger o quarto mandamento é visto em sua lista de 39 tipos de trabalhos proibidos no sábado. O 39º trata de transportar um objeto de ambiente particular para ambiente público e vice-versa.⁶ O que uma pessoa tinha permissão para carregar em uma casa particular no

sábado seria proibido em público. Em outras palavras, a lei da Mishná estava diretamente envolvida quando o homem recém-curado, por ordem de Jesus, pegou seu leito e o carregou do “domínio privado” do pórtico do tanque para o “domínio público” da rua.

As autoridades rabínicas discordavam sobre o que poderia ou não ser legalmente transportado no sábado. Por exemplo, de acordo com um rabino, um judeu ajudando um gentio a levantar uma carga em seu burro na tarde de sexta-feira seria culpado se o gentio não chegasse ao seu destino e removesse a carga antes do início do sábado. Mas outros declaravam que o judeu prestativo não seria culpado, mesmo que o gentio não descarregasse o burro antes do sábado.⁷

Dentro desse sistema de leis, o que dizer de um homem carregando seu leito? Carregar um leito no sábado era permitido, desde que fosse feito por duas pessoas, “porque nenhuma delas realizava um trabalho totalmente proibido”.⁸ Era permitido no sábado carregar uma pessoa doente no leito. Talvez fosse sábado quando os homens carregaram um paralisado em uma cama e o desceram pelo telhado diante de Jesus (Lc 5:18-20). Nesse caso, embora os homens não quebrassem as restrições rabínicas carregando o paralisado, certamente o fizeram quando o içaram para o telhado, arrancaram as telhas e o desceram pela abertura!

Se Jesus tivesse indicado um discípulo ou espectador para ajudar o homem curado a carregar o leito, não haveria motivos para acusá-lo de violar o sábado. Mas Cristo o instruiu a carregá-lo sozinho, sem ajuda. Os adversários de Jesus estavam esperando ansiosamente que o homem curado, carregando seu leito, deixasse o “domínio” do tanque e entrasse no “domínio” da rua. O primeiro passo na rua, de acordo com a Mishná, violaria o sábado. Então, logo que o homem curado pisou na rua, eles o confrontaram: “É sábado, e neste dia você não tem permissão para carregar o seu leito” (Jo 5:10)!

Violando ou libertando o sábado?

Nesse contexto, chegamos à pergunta proposta na introdução: Quando Jesus ordenou ao homem curado que pegasse seu leito e andasse, Ele estava violando ou libertando o sábado?

Quando lido à luz de seu contexto linguístico, social e religioso, João 5:18 declara que ao curar o paralisado e ordenar que ele se levantasse e levasse seu leito, dando evidência do poder curador de Deus, Jesus não estava violando o sábado. Em vez disso, “fazendo essas coisas no sábado” (v. 16), Ele estava libertando o sábado de uma restrição antibíblica que produz ansiedade e foi criada pelos seres humanos. Além de libertar o sábado, Jesus também ecoou o antigo mandamento divino ao Seu povo para “levantar-se e começar a andar” a fim de cumprir a missão que Ele lhe designou.

Se esse argumento estiver correto, então as traduções comuns de João 5:18 que versam sobre Jesus “violando o sábado” (algo que, se fosse verdade, teria sérias consequências para a teologia cristã), infelizmente perdem completamente o sentido do texto. **IV**

Referências

¹ Tradução do autor.

² Frederick W. Danker, Walter Bauer, William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (BDAG) (Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000).

³ BDAG, verbete “*luō*”.

⁴ Em alguns manuscritos antigos, o tanque é chamado de Betesda, em outros, de Betsaida.

⁵ As citações e explicações da Mishná são do site Sefaria <link.cpb.com.br/372b6f>.

⁶ Mishná Shabbat 7:2.

⁷ Mishná Shabbat 1:7.

⁸ Mishná Shabbat 10:5.

STEVEN THOMPSON

professor de Teologia na
Universidade Avondale,
Austrália



MISSÃO URGENTE

Obstáculos a ser superados para evangelizar as grandes cidades

Aguinaldo Guimarães

O mundo vive um processo de urbanização cada vez mais intenso. De acordo com a Organização das Nações Unidas, até 2030 mais de 5 bilhões de pessoas viverão em cidades.¹ Nos últimos anos, essa tendência despertou a Igreja Adventista do Sétimo Dia para a importância da missão urbana. Ainda nos anos 80, Neal Wilson, presidente da sede mundial dos adventistas, afirmou que o “desafio das cidades” era uma grande prioridade da denominação.

Na Assembleia Geral de 2005, a igreja voltou a destacar o assunto. Monte Sahlin, especialista em missiologia adventista, declarou que “o desafio das cidades estava novamente na agenda pela primeira vez em 100 anos”.² Seis anos depois, em 2011, a liderança adventista “aprovou um plano para evangelizar as cidades do mundo, começando em 2013 com a cidade de Nova York”.³ Essa iniciativa se aprofundou, dando forma ao projeto *Reach the World*, um plano estratégico de missão que, desde 2015, tem norteado ações de missão urbana ao redor do mundo.⁴

Apesar desses esforços, é possível observar entre alguns membros e até pastores adventistas certa dificuldade em relação às grandes cidades e ao desenvolvimento de estratégias relevantes para alcançá-las. A visão equivocada sobre os grandes centros e o entendimento distorcido a respeito do que Ellen White escreveu sobre eles afetam diretamente a teologia adventista, o envolvimento e o compromisso da igreja com sua comunidade bem como “toda a visão missionária e metodológica” da denominação.

Território negligenciado

De acordo com G. T. Ng, Ellen White citou pelo menos sete “razões pelas quais o povo de Deus não prestou atenção suficiente à missão urbana”.⁶

Em primeiro lugar, *a fé dos líderes era muito pequena*. G. T. Ng destaca um sonho que Ellen White teve, no qual Tiago White e um grupo de líderes adventistas deliberavam sobre planos futuros. Ela falou a respeito da necessidade de fazer planos abrangentes, e antes que esses líderes tentassem evitar as grandes cidades, ela concluiu dizendo que “as ideias de nossos irmãos são muito estreitas. Eles esperam pouco. A fé deles é muito pequena”.⁷

Em outra ocasião, quando Ellen White falou sobre a importância de alcançar as grandes cidades da Inglaterra, ela afirmou: “Se o povo de Deus apenas exercesse fé,

trabalharia de maneira maravilhosa para realizar essa obra”.⁸ Em contrapartida, ao falar de Nova York, observou que as oportunidades se perdiam porque alguns líderes não aceitavam planos mais amplos.⁹ Certamente, a falta de fé dos líderes da igreja levou a um atraso no cumprimento da missão nas cidades.

Em segundo lugar, *havia muita pregação*. Ellen White sempre apresentou uma abordagem equilibrada para a missão urbana e enfatizou a necessidade de enviar obreiros qualificados para as grandes cidades. Além disso, indicava a necessidade de um trabalho mais amplo, que não se concentrasse apenas na pregação.

Em 1892, ela escreveu: “Tem sido mostrado a mim que, em nosso trabalho para esclarecimento do povo nas grandes cidades, a obra não tem sido tão bem organizada nem os métodos de trabalho tão eficientes como em outras igrejas que não possuem a grande luz que nós consideramos tão necessária. Por que isso? É que grande número de nossos obreiros está compreendido nos que gostam de pregar (e muitos que não estavam inteiramente qualificados para pregar foram postos na obra), e grande parte do trabalho tem sido despendido em pregação.”¹⁰ A missão urbana envolve métodos variados ou muitos ramos de esforço cristão e não pode se concentrar apenas na pregação.

Em terceiro lugar, *o número de obreiros era insuficiente*. Ellen White pediu que aumentasse o número de obreiros em atividade. Seu desejo era que não apenas ministros, mas também membros consagrados pudessem se envolver ativamente na missão urbana. “O pastor ordenado sozinho não pode fazer frente à tarefa de advertir o mundo. Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros leigos de diferentes talentos, que têm conhecimento da verdade presente,

para que considerem as necessidades das cidades não advertidas. Devia haver uma centena de obreiros ativamente empenhados em trabalho missionário pessoal onde agora existe apenas um.”¹¹

Em quarto lugar, *os obreiros não eram suficientemente treinados*. A capacitação adequada, condizente com o trabalho evangelístico nas grandes cidades, tinha um papel importante para Ellen White. “Como povo, não estamos fazendo a quinagésima parte do que poderíamos fazer como missionários ativos. Se apenas fôssemos vivificados pelo Espírito Santo, haveria uma centena de missionários onde agora há um. Em toda cidade deve haver um corpo de obreiros organizados, bem disciplinados; não meramente um ou dois, mas dezenas e dezenas devem ser postos a trabalhar. [...] Mais atenção deve ser dada ao preparo e educação de missionários, tendo em vista de modo especial o trabalho nas cidades.”¹²

A visão de Ellen White, contudo, não se limitava aos obreiros assalariados da igreja. Em relação aos cristãos adventistas, ela escreveu: “Não deve existir nenhum atraso nesse bem planejado esforço para educar os membros da igreja. Pessoas plenamente consagradas e que compreendem a santidade e importância da Obra devem ser escolhidas para trabalhar nas grandes cidades. Não sejam enviados os que não se acham qualificados nesses aspectos.”¹³

Em quinto lugar, *não havia recursos suficientes*. É inegável que a missão urbana exige grande quantia de dinheiro, mas apesar dessa realidade, Ellen White insistiu na necessidade de trabalhar nas cidades utilizando os meios com sabedoria. “Parece que quase ninguém ousa solicitar que um evangelista vá às cidades, por causa dos recursos financeiros que seriam necessários para executar um trabalho forte e sólido. É verdade que haverá necessidade de muito dinheiro para cumprirmos nosso dever para com os que não foram advertidos nesses lugares; e Deus deseja que ergamos

nossa voz e façamos sentir nossa influência em benefício do sábio uso de recursos nesse especial ramo da Obra.”¹⁴

Em 1874, ela advertiu a liderança da igreja sobre o medo de que o gasto com a pregação do evangelho não trouxesse retorno. “Há um grande temor de aventurar-se e correr riscos nessa grande obra, o receio de que a expensas de meios não traga dividendos. Que importa se os meios são usados e não vemos que pessoas estejam sendo salvas por eles? Que importa que uma parte de nossos recursos seja um capital morto? Melhor é trabalhar e manter-se trabalhando do que nada fazer. Vocês não sabem qual prosperará primeiro, se esta se aquela. Os homens investem em direitos de patentes e sofrem pesadas perdas, e isso é considerado normal. Mas na obra e causa de Deus, temem aventurar-se. Parece-lhes ser o dinheiro um capital morto, que não rende nada, quando investido na obra de salvar.”¹⁵

No entanto, Ellen White foi além e acrescentou que, a menos que a verdade chegasse às cidades, os meios não seriam suficientes para a concretização da Obra. “Quem está carregando um fardo pelas nossas grandes cidades? Alguns dirão: Precisamos de todo o dinheiro que conseguirmos para continuar o trabalho em outros lugares. Você não sabe que, a menos que leve a verdade às cidades, haverá um esgotamento dos meios? Quando a mensagem for levada aos que estão nas cidades famintos da verdade, e as pessoas aceitarem a luz, elas trabalharão fervorosamente para levar essa luz a outros. As pessoas que têm dinheiro serão levadas à verdade e darão seus recursos para o avanço da obra de Deus.”¹⁶

Em sexto lugar, havia *entraves burocráticos*. Ellen White notou que alguns líderes costumavam centralizar tudo neles. “Alguns em posição de responsabilidade têm achado que nada deva ser feito sem seu pessoal conhecimento e aprovação.”

Como resultado, “eficientes obreiros têm algumas vezes sido obstados e impedidos, e as rodas do carro do progresso têm sido postas a mover-se lentamente na entrada em novos campos”¹⁷

Em último lugar, *a obra nas cidades é desafiadora*. Ellen White reconhecia que a evangelização em contexto urbano era muito difícil, pois Satanás trabalha arduamente para assumir o controle da mente humana e, como resultado, a maldade está aumentando. Essa condição exige novos e variados talentos para alcançar os moradores das cidades.¹⁸

Conclusão

Considerando a demora ou omissão, “o trabalho que a igreja tem deixado de fazer em tempo de paz e prosperidade terá que realizar em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras e difíceis”¹⁹ Apesar das dificuldades, Ellen White afirma que o trabalho nas cidades, visando atingir todas as classes, precisa ser feito, e a igreja tem o dever de encorajar os obreiros e apoiá-los com orações e palavras de ânimo.²⁰

Por fim, nunca o apelo de Ellen White sobre a missão urbana foi tão pertinente, como aponta G. T. Ng ao dizer que, nos dias dela, “provavelmente apenas dois ou três por cento da população mundial viverem em cidades. Com mais de cinquenta por cento da população mundial vivendo em cidades na virada do novo milênio, seu chamado para uma missão urbana parece mais urgente do que nunca”²¹

Assim, o plano de evangelização das grandes cidades aprovado pela Associação Geral indica que a Igreja Adventista está empenhada em levar o evangelho aos centros populosos. A igreja tomou o rumo certo porque “o trabalho nas cidades é a obra essencial para este tempo. Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado.”²² 

Referências

- ¹ United Nations Department of Economic and Social Affairs, *World Urbanization Prospects: The 2018 Revision*. Disponível em <link.cpb.com.br/9f73f0>, acesso em 10/5/2022.
- ² Monte Sahlin, *Mission in Metropolis: The Adventist Movement in an Urban World* (Lincoln, NE: Center for Creative Ministry, 2007), p. 24.
- ³ Elizabeth Lechleitner, “Adventist world church approves urban focus; New York City is first launch site”. Disponível em <link.cpb.com.br/300880>, acesso em 10/5/2022.
- ⁴ Associação Geral da IASD, *Reach the World*. Disponível em <link.cpb.com.br/20e196>, acesso em 10/5/2022.
- ⁵ Gotfried Oosterwal, “How shall we work the cities: From within?”, *Ministry*, junho de 1980.
- ⁶ G. T. Ng, *Urban Mission: The Forgotten Frontier. Asia Adventist Seminar Studies*, v. 3, 2000, p. 94.
- ⁷ Ellen G. White, *Christian Experience and Teachings of Ellen G. White* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1922), p. 218.
- ⁸ Ellen G. White, *Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists* (Basileia: Imprimerie Polyglotte, 1886), p. 152.
- ⁹ Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen White* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1915), p. 385.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Medicina e Salvação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 301.
- ¹¹ White, *Medicina e Salvação*, p. 331, 332.
- ¹² Ellen G. White, *Ministério Para as Cidades* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 68.
- ¹³ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 9, p. 94.
- ¹⁴ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 42.
- ¹⁵ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 266.
- ¹⁶ Ellen G. White, “A risen Saviour”, *The General Conference Bulletin*, 22/5/1909.
- ¹⁷ White, *Medicina e Salvação*, p. 302.
- ¹⁸ White, *Evangelismo*, p. 25, 31.
- ¹⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 5, p. 396.
- ²⁰ White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 94.
- ²¹ G. T. Ng, *Asia Adventist Seminar Studies*, v. 3, p. 101.
- ²² White, *Medicina e Salvação*, p. 304.

AGUINALDO GUIMARÃES

Líder da Igreja Adventista para a região sudeste do estado de São Paulo



IGREJA E POLÍTICA

No quarto século antes de Cristo, Aristóteles afirmou que “o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e outros animais que vivem junto”.¹ Para ele, o ser humano é gregário, necessita viver em grupo e fazer parte de um corpo político, palavra que vem de *pólis*, cidade-estado da Grécia antiga.

A igreja é, por excelência, a vida em coletividade. Basta lembrar que o termo grego *ekklesia*, igreja, significa assembleia, ajuntamento. É uma pequena *pólis*, chamada de “nação” santa (1Pe 2:9).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia segue os princípios deixados por Cristo, quando se trata de separação entre Igreja e Estado. Ele viveu sob o cruel Império Romano, mas não tentou realizar nenhuma reforma civil. Jesus “não atacou nenhum abuso nacional nem condenou os inimigos da nação. Não interferiu na autoridade nem na administração dos que estavam no poder. Aquele que foi nosso exemplo permaneceu afastado dos governos terrestres”, escreveu Ellen White.²

Mesmo atuando intencional e deliberadamente de forma separada do Estado, a igreja não é inerte quando se trata da defesa da liberdade religiosa, nos países

em que a atuação seja possível dentro das leis nacionais. Exemplo dessa participação pode ser visto quando os líderes adventistas criaram, em 1889, a Associação Nacional de Liberdade Religiosa que, quatro anos depois, tornou-se a Associação Internacional de Liberdade Religiosa (Irla). Em 1901, a denominação estabeleceu o Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos.

Antes, porém, da criação dessas entidades, em 1880, promotores da liberdade religiosa reuniram cerca de 250 mil assinaturas para se manifestar contra as leis dominicais que estavam sendo votadas no Congresso dos Estados Unidos. Em 1927, em conjunto com outras organizações, foram coletadas 9 milhões de assinaturas sobre o mesmo tema.

Recentemente, em 2016, o Departamento de Liberdade Religiosa da sede sul-americana da igreja peticionou ao governo brasileiro para que as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) não fossem aplicadas aos sábados. Cerca de 100 mil estudantes sabatistas brasileiros estavam sendo prejudicados. O governo abriu uma consulta pública, atendeu ao pedido e atualmente a avaliação acontece em dois domingos. Quatro anos depois,

outra reivindicação da igreja foi analisada pela Suprema Corte, a fim de garantir que os guardadores do sábado tivessem acesso a cargos públicos. Assim, embora a igreja não atue diretamente de forma política, ela não deixa de se fazer presente na defesa da liberdade de seus membros, suas instituições e seus valores.

No documento “Os Adventistas e a Política”,³ votado no Concílio Anual da Divisão Sul-Americana em novembro de 2017 e revisto em agosto de 2020, há recomendações sobre a posição denominacional acerca do tema. O documento é recente, mas não é novidade. Ele considera o histórico de defesa da liberdade religiosa desde a fundação da igreja, no século 19, bem como as declarações oficiais adventistas sobre a relação entre Igreja e Estado.

De fato, nenhum documento oficial afirma que Igreja Adventista do Sétimo Dia é apolítica; ou seja, ela não é amigável nem hostil à política. Contudo, é apartidária. Dessa forma, não promove nem se compromete com o mundo político. Ela reconhece os privilégios e as obrigações do exercício da cidadania, mas não possui nem mantém partidos políticos, não se filia a eles, tampouco repassa



recursos denominacionais para atividades partidárias. Isso acontece nos 219 países em que ela está presente.

A igreja respeita as autoridades eleitas, mas não possui uma bancada de parlamentares, seja em prefeituras, estados, províncias ou governos nacionais, e não investe na formação de lideranças partidárias.

Quanto à sua membresia, não é proibido que alguém seja candidato a cargo eletivo. Porém, a condição de membro não o autoriza a se valer do fato de ser filiado à organização para utilizar símbolos, imagens, eventos ou discursos a fim de angariar prestígio político.

Em relação aos funcionários ou missionários das instituições adventistas, apresentadores de rádio, TV ou canais nas redes sociais, as regras de *compliance* da organização não aprovam a filiação partidária nem a candidatura a cargos eletivos, seja em que nível for. O documento oficial determina que pastores, obreiros, jubilados com credencial especial, funcionários da organização, líderes locais e membros não apresentem nem promovam candidatos, sejam eles membros da igreja ou não, em templos, sedes administrativas, unidades educacionais, de saúde

ou em quaisquer outras instituições, seja nos cultos ou em programas promovidos e realizados pela denominação. O descumprimento pode implicar suspensão, cassação ou cancelamento de credenciais ministeriais ou missionárias.

Essas orientações podem parecer excessivamente rígidas, porém a finalidade delas é salvaguardar os colaboradores e cumprir o princípio de não intervenção no domínio político.

Mesmo se recusando a atuar partidariamente, a igreja reconhece que há muitas maneiras de influenciar e impactar a comunidade, sem a atuação política propriamente dita como, por exemplo, o incentivo à prática de exercícios físicos, bem como a promoção de serviços de assistência social, educação, saúde, sem qualquer objetivo político, mas tão somente em cumprimento aos mandamentos do evangelho.

Na epidemia conhecida como peste antonina, que assolou o Império Romano nos anos 165 a 180 d.C, na qual morreram mais de 5 milhões de pessoas,⁴ a presença do cristianismo marcou a diferença.

Geoffrey Blainey afirmou que a epidemia “indiretamente promoveu o cristianismo, pois muitos romanos ficaram

impressionados com a visão dos cristãos dando pão e água às vítimas que se achavam enfermas demais para se moverem”⁵

E a igreja continua agindo de maneira idêntica. Basta olhar a presença impactante de suas agências humanitárias, entre várias outras iniciativas, atuando sem nenhum caráter político para minorar o sofrimento da humanidade. Dessa forma, ela continuará mudando o mundo, uma vida de cada vez, com a mensagem de salvação de Cristo Jesus. **M**

Referências

¹ Aristóteles, *A Política* (São Paulo: Martin Claret, 2005), p. 8.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 407.

³ Divisão Sul-Americana, *Os Adventistas e a Política*. Disponível em: <link.cpb.com.br/796321>, acesso em 27/5/2022.

⁴ Verity Murphy, *Past pandemics that ravaged Europe*. Disponível em: <link.cpb.com.br/39c429>, acesso em 27/5/2022.

⁵ Geoffrey Blainey, *Uma Breve História do Mundo* (São Paulo, SP: Fundamento Educacional, 2010), p. 151.

VANDERLEI VIANNA

advogado assistente da sede sul-americana da Igreja Adventista



VITÓRIA NO DESERTO

Aprendendo com Cristo
a vencer as tentações

Leandro Pletsch Rodrigues





A palavra *tentação* parece fora de moda. Para muitas pessoas não existem regras fixas. Tudo é possível e permitido. A sociedade está repleta de uma enorme variedade de estilos nas áreas visual, alimentar, relacional e até religiosa. No entanto, para aqueles que seguem a Bíblia, o referencial de vida encontra-se no Livro Sagrado. Nela estão os princípios que estabelecem o certo e o errado, bem como os recursos para confrontar as tentações.

A experiência de Cristo no deserto, enfrentando as investidas de Satanás (Mt 4:1-11), é um relato poderoso e serve como exemplo de firmeza intelectual e espiritual para nós, diante dos ataques do maligno. Em Hebreus 4:15, Paulo afirmou que Jesus “enfrentou as mesmas tentações que nós, mas nunca pecou” (NVT). Essa declaração levanta algumas perguntas: De que forma Ele foi tentado como nós? Isso inclui todas as tentações que nos assediam hoje?

O propósito deste artigo é analisar a natureza das tentações que Cristo enfrentou e entender como elas se relacionam com nossas tentações. A experiência de Jesus no deserto nos ensina a encarar os desejos por prazer, poder e posse. Ao seguir Seu exemplo, aprendemos a lidar com essas aspirações humanas e trilhar pelo caminho do crescimento espiritual.

Prazer

Há uma ciência por trás do prazer. Samir Zeki, professor de neuroestética da University College de Londres, explica que estímulos visuais desencadeiam prazer mental perante desejo, amor e beleza. Paisagens, músicas ou rostos ativam a parte emocional do cérebro. Em uma rela-

Morten Kringelbach, neurocientista dinamarquês, aconselha a não nos guiarmos sempre pelas sensações emotivas, porque o prazer provocado pela comida é diferente daquele motivado pela música, mas os sinais elétricos em regiões específicas do cérebro são os mesmos. A sensação de prazer pode ser dividida em três fases: (1) desejo (antecipação, anseio); (2) gosto (apreciação); e (3) saciedade (satisfação). O prazer tem uma função: promover a continuação da interação com seu objeto ou situação.

Por exemplo, ao se alimentar, você come até o fim porque isso lhe proporciona prazer, saciedade. Alguém que não quer comer, aos poucos adoce e morre de inanição. Precisamos do prazer para nos estimular a comer e manter a saúde.

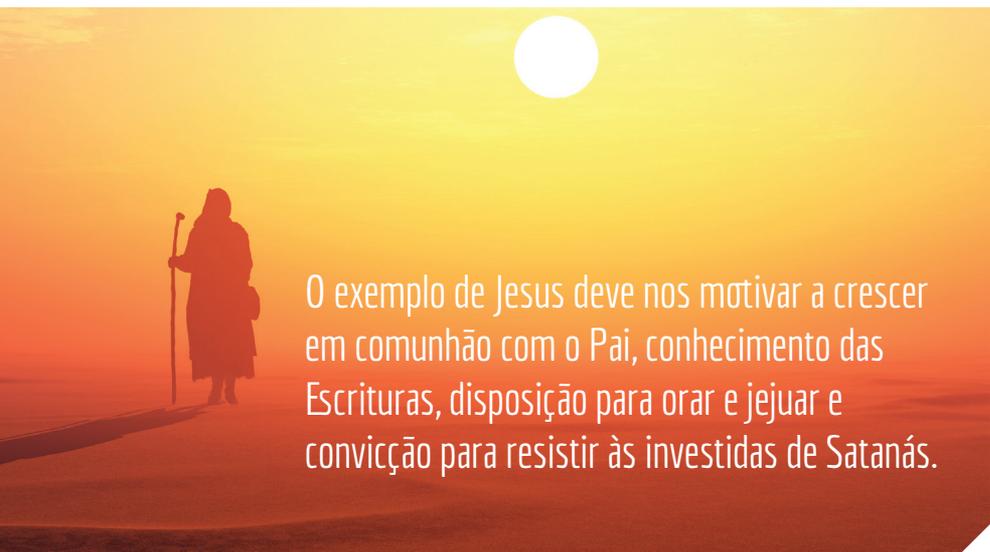
e espiritual de que necessitava. O exemplo de Jesus nos ensina que não é impossível controlar nossos desejos. Tudo tem seu lugar, e equilíbrio é a palavra-chave para o sucesso. Diante da tentação, Cristo respondeu que “o ser humano não viverá só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (v. 4). Ele não venceu sendo autossuficiente, mas obediente e dependente do Pai.⁴

Poder

Muitas pesquisas foram realizadas para investigar “o poder *da* mente”, mas é preciso também compreender os efeitos do “poder *na* mente”. Em vários ambientes e situações da vida há relações de poder. Essas relações muitas vezes se problematizam porque o “poder” é um privilégio que poucos sabem usar de maneira equilibrada e humanitária. Michel Foucault constatou: “Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas sabe-se quem não o possui.”⁵

Os pesquisadores David Owen e Jonathan Davidson não foram os primeiros a nominar as alterações que o poder opera em quem o exerce, mas foram pioneiros em classificá-las como uma doença. Em 2007, eles defenderam a existência de uma condição psiquiátrica com padrões de comportamento narcisistas provocados pela exposição a um cargo de poder. A isso deram o nome de síndrome de Húbris. Os sintomas são: “perda de contato com a realidade, predisposição para autoglorificação, soberba, presunção, preocupação exagerada com a imagem, forma messiânica de falar, autoconfiança exacerbada e desdém perante os conselhos ou críticas dos outros.”⁶

A segunda tentação de Cristo está relacionada ao poder. “Então o diabo levou Jesus à Cidade Santa, colocou-O sobre o pináculo do templo e disse: ‘Se Você é o Filho de Deus, jogue-Se daqui, porque



O exemplo de Jesus deve nos motivar a crescer em comunhão com o Pai, conhecimento das Escrituras, disposição para orar e jejuar e convicção para resistir às investidas de Satanás.

ção de satisfação-recompensa, a dopamina regula a sensação de prazer.¹

Há gatilhos para o prazer que são comuns a todas as pessoas, mas existem também prazeres que adquirimos por aprendizado ou repetição. Por exemplo, no México, quase todos gostam de pimenta. Na Ásia Central, a carne de cavalo é uma iguaria apreciada por muitas pessoas. Assim, o ambiente e a frequência de hábitos vistos ou repetidos se tornam prazerosos. Uma vez que os prazeres são ativados pela dopamina, alguns vícios destrutivos podem ser provocados pelo desequilíbrio dessa substância.²

Esse mesmo princípio se aplica às práticas negativas como o uso de drogas: um prazer momentâneo leva à continuidade que, nesse caso, pode resultar em morte. Assim, emoção e razão devem ser consideradas na experiência de prazer.³

Na primeira tentação, Jesus foi desafiado a satisfazer rapidamente uma necessidade legítima: “Se Você é o Filho de Deus, mande que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4:3). Alimentar-se não é algo errado. Contudo, Ele decidiu Se manter fiel ao propósito de jejuar porque isso lhe proporcionaria condições mais adequadas para o desenvolvimento mental

está escrito: 'Aos Seus anjos Ele dará ordens a Seu respeito. E eles O sustentarão nas suas mãos, para que Você não tropece em alguma pedra'" (Mt 4:5, 6).

Por que poder? A justificativa diabólica para que Ele pulasse era que o Pai ordenaria a Seus anjos que O resgatassem instantaneamente. O poder divino ilimitado estava à disposição da missão de Cristo, mas não para ser usado desnecessariamente. Jesus não precisava provar a ninguém nem a Si mesmo que era Deus. Satanás queria levar Cristo a agir de maneira precipitada, fazendo-O pecar. Contudo, o Mestre não Se deixou corromper pelo poder nem pela autoridade que possuía.⁷ Ele sabe que o poder deve ser usado para o bem comum.

Posse

O consumismo é uma doença que pode prejudicar a vida financeira, social e emocional de suas vítimas. Quem sofre desse mal sente euforia na hora da compra, mas não fica feliz com o que comprou. Sente-se culpado por ter gasto seu dinheiro e pode apresentar sinais como:

- Omitir o que comprou, bem como as dívidas feitas;
- Ter dívidas altas, geralmente bem superiores que o normal;
- Comprar itens de que não precisava;
- Sentir arrependimento e frustração depois da compra;
- Ter necessidade de consumir a todo momento.⁸

O apóstolo Paulo afirmou: "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males" (1Tm 6:10). A ganância faz com que pessoas pacatas se transformem em devoradores vorazes do seu próximo. Muitos não querem perder a oportunidade de ganhar mais, aumentar seu salário ou adquirir coisas. Principalmente se for de maneira fácil.

Na terceira e última tentação, Satanás "levou Jesus a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e disse: 'Tudo isso Lhe darei

se, prostrado, Você me adorar'" (Mt 4:8, 9). A resposta de Cristo, porém, foi contundente: "Vá embora, Satanás, porque está escrito: 'Adore o Senhor, seu Deus, e presete culto somente a Ele'" (v. 10). Jesus não Se rendeu à tentação de conquistar o mundo prostrado diante do diabo. Bens não iludiram o Mestre e não devem nos iludir também. Uma frase popular em palestras sobre finanças diz: "Consumismo é o ato de comprar o que você não precisa, com o dinheiro que não tem, para impressionar pessoas que você não conhece, a fim de tentar ser uma pessoa que você não é." Lembre-se, no entanto, de que na concepção bíblica, *ser* é mais importante do que *ter*.

Conclusão

Toda pessoa lida com tentações relacionadas a prazer, poder e posses. Seria ótimo se o prazer existisse somente para nosso benefício, mas o exagero causa desprazeres posteriores. Seria formidável se o poder pudesse ser utilizado somente para resolver problemas e abençoar pessoas. Contudo, muitas vezes, ele é usado para oprimir, castigar ou humilhar. Seria excelente se as posses nos trouxessem conforto sem as dívidas, vida de aparências ou desigualdades. A humanidade está corrompida.

Ellen White escreveu: "Muitos não consideram esse conflito entre Cristo e Satanás como tendo relação especial com sua vida e pouco se interessam por ele. No entanto, essa luta se repete em cada coração. Ninguém abandona o exército do mal e entra no serviço de Deus sem enfrentar os ataques de Satanás. As sedutoras sugestões as quais Cristo resistiu são as mesmas que achamos tão difícil vencer. A pressão contra Ele era proporcional à superioridade de Seu caráter em relação ao nosso. Com o terrível peso dos pecados do mundo sobre Si, Cristo suportou a prova quanto ao apetite, amor ao mundo e à ostentação que induz à soberba."⁹

Apesar da realidade desse conflito, "há um remédio para toda espécie de tentação.

Não somos entregues a nós mesmos, a combater o combate contra o próprio eu e a natureza pecaminosa em nossas forças finitas. Jesus é poderoso Ajudador, apoio infalível. [...] Ninguém precisa falhar nem ficar desanimado quando foram tomadas tão amplas providências em nosso favor"¹⁰.

Jesus foi tentado naquilo que é o cerne das derrotas humanas, mas venceu. Seu exemplo deve nos motivar a crescer em comunhão com o Pai, conhecimento das Escrituras, disposição para orar e jejuar e convicção para resistir às investidas de Satanás. Dessa maneira, estaremos no caminho que nos conduz ao aperfeiçoamento do caráter em justiça e santidade, a fim de abençoar pessoas na Terra e estar aptos a ser cidadãos do Céu. **IV**

Referências

- ¹ BBC, "A ciência do prazer: Por que gostamos do que gostamos". Disponível em <link.cpb.com.br/0b442e>, acesso em 5/5/2022.
- ² David J. Linden, *The Compass of Pleasure* (Nova York: Viking, 2011), p. 32.
- ³ Morten Kringelbach e Kent Berridge, *Pleasures of the Brain* (Nova York: Oxford University Press, 2010), p. 109.
- ⁴ Mario Veloso, *Mateus: Contando a história do Rei Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 62.
- ⁵ Michel Foucault, *Microfísica do Poder* (Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2001), p. 137.
- ⁶ Sofia Teixeira, "O poder sobe mesmo à cabeça, segundo as neurociências". Disponível em <link.cpb.com.br/455c58>, acesso em 5/5/2022.
- ⁷ Matthew Henry, *Comentário Bíblico de Matthew Henry: Mateus a João* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2008), v. 5, p. 81, 82.
- ⁸ Equipe André Bona, "Oneomania: Entenda mais sobre a doença do consumismo". Disponível em <link.cpb.com.br/8ac6d9>, acesso em 5/5/2022.
- ⁹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 83.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Nossa Alta Vocação* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1962), p. 86.

LEANDRO PLETSCH RODRIGUES

pastor em Pitanga, PR





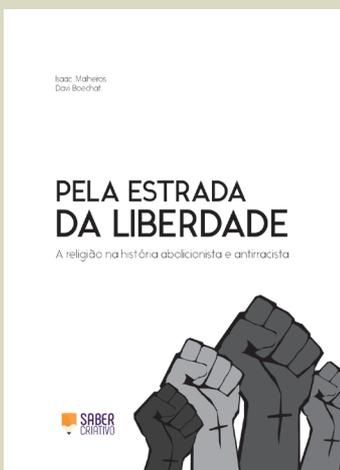
Por que a Justiça Social não é a Justiça Bíblica

Scott David Allen, Vida Nova, 2022, 272 p.

Em anos recentes, um conjunto de ideias enraizadas no pós-modernismo e na teoria crítica neo-marxista tornaram-se uma cosmovisão única e abrangente. Rotulada de “justiça social” por seus defensores, ela tem redefinido de modo radical a compreensão da justiça.

Muitos cristãos possuem pouco ou nenhum conhecimento dessa ideologia e, por isso, não conseguem ver perigo nenhum nela. Inúmeros líderes evangélicos confundem a ideologia da justiça social com a justiça bíblica. É verdade que justiça é uma ideia profundamente bíblica, mas essa nova ideologia está longe de ser bíblica.

Ao comparar essa cosmovisão falsificada com a cosmovisão bíblica, Scott Allen desfaz os principais equívocos, mostrando assim quão significativa é a diferença entre elas. Cristãos não apenas têm o dever de denunciar uma cosmovisão falsa, mas também de oferecer uma alternativa melhor: a incomparável cosmovisão bíblica, que concebe a cultura como marcada por justiça genuína, misericórdia, perdão, harmonia social e dignidade humana.

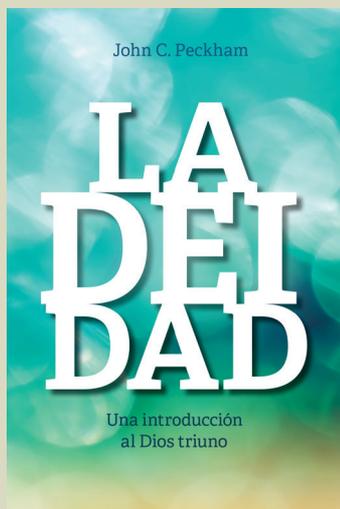


Pela Estrada da Liberdade

Isaac Malheiros e Davi Boechat, Unaspres, 2022, 302 p.

Desde o movimento milerita, o adventismo tinha o abolicionismo como componente em sua teologia. Os pioneiros compreendiam a escravidão como parte do pecado de Babilônia e chegaram a ser agredidos por seu combate intransigente ao racismo.

A obra *Pela Estrada da Liberdade* conta a história de como o cristianismo em geral, e o adventismo de forma específica, combateram esse mal. A utilização da fé cristã em favor da legitimação do racismo é uma realidade também abordada no livro. No entanto, como reconheceu Joaquim Nabuco, um dos principais articuladores do abolicionismo no Brasil, é impossível falar nesse assunto sem abordar as contribuições cristãs, absolutamente fundamentais para promover a compreensão plena da liberdade para todos os seres humanos.



La Deidad

John Peckham, Aces, 2021, 152 p.

A doutrina de Deus não é somente uma doutrina: é a base sobre a qual se constroem muitas, senão todas, as demais crenças. Talvez por isso tenha sido uma das mais controversas. Nesse livro, John C. Peckham aborda muitas das questões que surgiram ao longo da história. Por exemplo: É possível que Deus seja um e três ao mesmo tempo? Como é possível conhecê-Lo? Ele tem sentimentos? Pode mudar de opinião ou se arrepender de algo? Esse livro apresenta respostas bíblicas para compreender melhor o caráter e a personalidade do Senhor.

“Ellen G. White’s statements on the heathen being saved”

Andrew Tompkins, *Perspective Digest*, janeiro de 2022.

(<https://www.perspectivedigest.org/archive/27-1/ellen-g-whites-statements-on-the-heathen-being-saved>)

Durante a vida de Ellen White, a questão do destino eterno dos pagãos tornou-se um ponto de destaque no contexto protestante. De fato, antes disso, John Wesley havia tratado do tema em alguns de seus sermões. A abordagem wesleyana se reflete de muitas maneiras nos escritos de Ellen White. Contudo, para os adventistas do sétimo dia, a questão nem sempre foi respondida com clareza.

O propósito deste artigo é apresentar uma revisão cuidadosa das declarações de Ellen White sobre o destino dos pagãos, considerando o contexto literário mais amplo dessas citações. Como resultado, é possível identificar quatro grandes temas entrelaçados.

PERSPECTIVE DIGEST
A Publication of the Adventist Theological Society

The Meaning of the Fear of God
The fear of God is a highly doctrinal term, and thus should not be understood in the sense of everyday common language.
Jill Maskaia
July 1, 2022

The Personhood of the Holy Spirit
The plan of salvation makes sense only when the Holy Spirit is seen as a personal and equal member of the Trinity with the Father and the Son.
Christopher R. Hwasahinga
July 1, 2022

Creation in the Book of Revelation
Revelation's references and allusions to creation disclose a significant emphasis on the original creation as portrayed in Genesis 1 and 2.
Shaunard Mueller
July 1, 2022

Christ and Practice in Compassionate Ministry
Christ's ministry was a ministry of comfort, empowerment, liberation, and reconciliation.
Anna Salminen
July 1, 2022

General Revelation and Adventist Theology
Nature and history acquire a grander perspective from the vantage point of the Bible, and Scripture becomes more colorful and alive with the help of natural revelation.
Glauber S. Araújo
April 1, 2021

The Gospel and a Queen
God, without infringing human freedom to choose, can

“The Israelite tabernacle and the Egyptian temples: A comparative analysis”

Leonardo G. Nunes, *Teologia em Revista*, ano 2, v. 3, p. 104-118.

(<https://salt.iap.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Teologia-em-Revista-3o-Edicao.pdf>)

É comum comparar o tabernáculo israelita com os templos mesopotâmicos. No entanto, se considerarmos o relato bíblico de que os israelitas viveram no Egito e migraram de lá para Canaã, uma comparação explicando as semelhanças e diferenças entre o tabernáculo israelita e os templos egípcios não seria apenas interessante, mas crucial.

Este estudo pode ajudar a responder perguntas a respeito do grau de dependência e/ou a relação entre o tabernáculo israelita e os templos egípcios. Depois de comparar as semelhanças e diferenças entre eles, a presente pesquisa descobriu que, embora existam muitas semelhanças marcantes, as diferenças em relação aos seus aspectos vitais, fundamentais e conceituais são diversas em essência. Essa investigação concluiu que o tabernáculo israelita não era incomum, embora fosse único.

TEOLOGIA
EM REVISTA

Nesta edição:
A IRA DE DEUS: UM ESTUDO TEOLÓGICO DA JUSTIÇA DIVINA

- A irada Remota e a irada próxima: Uma análise crítica à irada Remota
- A irada próxima e a irada próxima: Uma análise crítica à irada próxima
- A irada próxima e a irada próxima: Uma análise crítica à irada próxima
- A irada próxima e a irada próxima: Uma análise crítica à irada próxima

“El papel de la teología em el discipulado”

Cristhian Álvarez Zaldúa, *Evangelio*, 2021, ano 14, p. 60-84.

Um estudo cuidadoso das Escrituras mostra que teologia e discipulado mantêm uma relação que nem sempre se reconhece. Discipular alguém não é apenas uma tarefa pragmática, afastada ou desprovida de conteúdo teológico porque se tornaria algo supérfluo e de resultados efêmeros. Uma das relações mais evidentes entre teologia e discipulado aparece em sua tarefa aperfeiçoadora do discípulo, para que este se torne semelhante a Jesus.

Essa relação deve ocorrer tanto antes quanto depois da conversão. Existem várias razões para se manter isso em vista: (1) a preparação dos conversos na igreja apostólica; (2) a sociedade secular e pós-moderna; (3) a sociedade pós-papado; e (4) as recomendações dadas por Ellen White. O fortalecimento da teologia no processo do discipulado deve ser realizado em todos os níveis da Igreja Adventista: pessoal, igrejas locais, sedes administrativas e centros de ensino teológico.

Año 14/2021 ISSN 2305 - 1760

EVANGELIO
Revista Bíblico - Teológica

LA PERSONALIDAD Y LA DEIDAD DEL ESPÍRITU SANTO EN EL LIBRO DE HECHOS DE LOS APOSTÓLES 1-20
Eric E. Richter

UN ACERCAMIENTO MISIONOLÓGICO A LOS TALIBANES 30-44
Juan Carlos Malquez

O ENCONTRO ENTRE SALOMÃO E A RAINHA DE SABA NA ÓTICA MISIONOLÓGICA 45-59
Érick Meares Galvão - Manoel F. C. Dias

EL PAPEL DE LA TEOLOGÍA EN EL DISCIPULADO 60-84
Cristhian Álvarez Zaldúa

O IMPERADOR CONSTANTINO: BREVE ESTUDO DE SUA VIDA, INFLUÊNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA O CRISTIANISMO 85-111
Érick Meares Galvão

DIOS, EL HOMBRE Y LA RELIGIÓN EN LA LITERATURA DE ERNESTO SABATO: UN ENSAJO SOBRE LA REFLEXIÓN DEL HOMBRE ATOMIZADO 112-127
Daniel Oscar Pérez

UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE LA COMISIÓN DE GÉNESIS 12:1-3 Y LA DE MATEO 28:18-20 128-155
Daniel Fajó

LOS MÉTODOS EN EL CUMPLIMIENTO DE LA MISIÓN QUE DESTACAN Y DISTINGUIEN A LOS DIFERENTES PAÍSES MISIONOLÓGICOS EN EL TERRITORIO DE LA DIVISIÓN SUBMERICANA EN EL PERÍODO 1880-2016 156-195
Samuel Arístido Chávez

Facultad de Teología



LIVRARIA - UNASP EC

**AMAZONAS
MANAUS**

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR**

NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA**

CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**

ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM**

MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

**PARANÁ
CURITIBA**

CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375
(21) 96554-0007

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**

UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**

PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**

CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

**SÃO PAULO
TATUI**

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:



O CENTRO DA LITURGIA

Há alguns anos, visitei a Rússia como parte de uma matéria do doutorado. Era um seminário sobre a Teologia da Igreja Católica Ortodoxa. Foi uma viagem muito enriquecedora! Uma das coisas que aprendi é que os ortodoxos não escrevem muito sobre teologia. Por quê? Porque para eles, a teologia deve ser buscada em sua arte e liturgia. A Igreja Ortodoxa tem uma das liturgias mais elaboradas e fascinantes do cristianismo. Algo semelhante acontece com o movimento da igreja emergente. Aprende-se muito de sua teologia ao estudar sua liturgia: músicas destinadas a despertar fortes emoções, muito tempo dispensado à “adoração” e alguns minutos dedicados a uma pregação “light”: um pregador sentado em uma banqueta lê alguns versos bíblicos e conta alguns relatos pessoais.

A liturgia da Igreja Adventista, por outro lado, está centrada na Palavra. A exposição bíblica ocupa não somente o ponto culminante do culto, mas também se lhe dedica a maior parte do tempo. De fato, toda pregação, enquanto proclamação, é proclamação de Jesus (Cl 1:18), mas devemos proclamá-Lo *biblicamente*, não um Cristo etéreo que só nos cura emocionalmente, sem nos transformar de dentro para fora por meio da renovação da mente. Nesse sentido, Cristo e Seus ensinamentos devem ser a base de nossa pregação. E encontramos Cristo e Seus ensinamentos *em toda a Bíblia*. Além disso, devemos deixar que as Escrituras dirijam o foco, a estrutura, o conteúdo e a aplicação de nossa pregação.



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

Graças à Bíblia, o pregador pode cumprir o ministério que lhe foi confiado.

Permitam-me aprofundar um pouco mais esse conceito. Não é que a Bíblia necessite de um intérprete no púlpito, como se fosse um texto obscuro e complicado que necessariamente exigisse um “especialista em teologia” ou um “exímio exegeta” para poder ser proclamada. Não! A Bíblia é totalmente clara e suficientemente compreensível até para o mais leigo na matéria (Sl 19:7; 2Tm 3:14, 15). Ela não precisa de nós como pregadores. Somos nós que precisamos da mensagem bíblica para cumprir corretamente nosso papel de arautos da verdade e do evangelho.

Assim, também não é que a Bíblia necessite que a apliquemos à vida diária, como se ela fosse um texto distante que se abstrai da vida cotidiana. De fato, ela é viva e ativa, é um discurso direto que aborda nossa experiência hoje. Tem falado a milhões de fiéis ao longo dos séculos, nos lugares mais distantes do mundo e a culturas diametralmente diferentes.

Isso significa que o pregador não deve se esforçar para compreender e interpretar bem as Escrituras a fim de pregá-las? Claro que não! Mas não devemos achar que, se não fosse por nossa habilidade hermenêutica e homilética, a Palavra perderia sua efetividade. Não é por nosso mérito que a Bíblia cumpre seu poder transformador. É totalmente o oposto. Graças à Bíblia, com sua clara e simples mensagem que fala diretamente ao nosso coração, o pregador pode cumprir o ministério que lhe foi confiado.

Prestemos atenção à nossa liturgia e à nossa pregação. Talvez elas estejam falando mais alto do que todos os nossos livros de teologia. **M**



LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA

"Nenhum homem, mulher, ou jovem, pode alcançar a perfeição cristã negligenciando o estudo da Palavra de Deus" (Ellen G. White, CES p. 17)



15875-45054-UNeB | MKT CPB | 123RF



MANA

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ

Acesse:

projetomana.com

Horários de atendimento das CPB livrarias no site: livrarias.cpb.com.br

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br

**CPB**
pra toda a vida

Baixe o
Aplicativo CPB



    /cpbeditora